

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS E
TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

Kátia Amélia de Archanjo Campos

**INVENCIONÁTICA: a influência de Manoel de Barros para a construção do
conhecimento em artes visuais**

Lagoa Santa

2020

Kátia Amélia de Archanjo Campos

INVENCIONÁTICA: a influência de Manoel de Barros na construção do conhecimento em artes visuais

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientadora: Carolina Ruoso

Lagoa Santa

2020



Nome: **KÁTIA AMÉLIA ARCHANJO CAMPOS**

INVENCIONÁTICA: UM OUTRO OLHAR PARA O ÍNFIMO A INFLUÊNCIA DE MANOEL DE BARROS NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM EM ARTES VISUAIS.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA.**

Professora Carolina Ruoso – Orientadora - CEEAV/ EBA/ UFMG

Professora Camilla Ayla Oliveira dos Anjos – UFMG - Membro da Banca Examinadora

Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 29 de fevereiro de 2020.

Campos, Kátia Amélia de Archanjo de.

Invencionática: a influência de Manoel de Barros na construção do conhecimento em artes visuais. / Kátia Amélia de Archanjo Campos. – 2019.

75 f., enc

Orientadora: Carolina Ruoso
Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.
Referências: f. 68-69

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino – Especialização. I. Título. II. Ruoso, Carolina. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

CDD: 707



Kátia Amélia de Archanjo Campos

INVENCIONÁTICA: a influência de Manoel de Barros na construção do conhecimento em Artes Visuais

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Banca examinadora:

Profa. Carolina Ruoso – UFMG (Orientadora)

Julgamento: _____

Profa. Camila Ayla Oliveira dos Anjos – UFMG – (Banca examinadora)

Julgamento: _____

Belo Horizonte, 29 de fevereiro, de 2020

A Deus, por me fazer entender que todo o conhecimento deve ser em prol do próximo, e que ninguém vem ao mundo por um acaso, mas com um propósito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado a oportunidade de vivenciar grandes experiências com esse projeto.

Sou grata ao meu marido Bruno Campos e aos meus filhos: Gabriel e Isabella por compreenderem o investimento de tempo que me dediquei a esse trabalho.

Também quero agradecer à Universidade Federal de Minas Gerais e a todo o corpo docente pela qualidade do ensino oferecido.

Agradeço à professora Lucia Pimentel por me motivar e transmitir tantos conhecimentos ao longo desse *per-curso*.

Por fim, agradeço a todos os envolvidos diretamente nesse processo de ensino/aprendizagem em artes visuais. Sem vocês, esse trabalho não existiria.

"A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas."
(Manoel de Barros, 2002, p. 79)

Resumo

Este trabalho apresenta uma experiência relacionada ao processo de capacidades imaginativas com vistas à construção do conhecimento em artes visuais na Arte-Educação, a partir da minha experiência como estudante do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas e minha prática como arte/educadora em uma escola da rede pública municipal, na periferia de Belo Horizonte, durante o ano de 2019, com alunos entre 12 a 14 anos. Essa experiência envolveu produções artísticas a partir de estímulos proporcionados pela literatura de Manoel Wenceslau Leite de Barros, poeta brasileiro.

No início daquele ano, foi levantada uma problemática relacionada ao descarte irregular de resíduos e rejeitos na porta da escola. A partir dessa questão, surgiu a possibilidade de associarmos a literatura desse poeta, que valoriza o inútil, às atividades relacionadas à disciplina Arte.

Com isso, buscou-se trabalhar capacidades cognitivas para que, através da imaginação, os estudantes enxergassem esse problema com outro olhar.

Desse processo, muitas vivências aconteceram, fazendo com que este projeto ultrapassasse os muros da escola. Para embasar essa pesquisa, contei com os conhecimentos das doutoras em Arte-Educação, Lucia Gouvêa Pimentel e Ana Mae Barbosa; do educador e filósofo Paulo Reglus Neves Freire, da escritora Vanderluce Moreira Machado Oliveira, dentre outros.

O conjunto dessa experiência ativa entre Universidade e sala de aula, se pautou pelo diálogo entre ensino/aprendizagem e gerou elementos sobre o processo e o resultado das obras realizadas pelos alunos, e que agora permite receber uma reflexão crítica.

Palavras-chave: Arte/Educação; Imaginação; Manoel de Barros.

Abstract

This work presents a specialized experience in the process of imaginative creativity with a view to the construction of knowledge in visual arts in Art-Education, from my experience as a student of the Specialization Course in Teaching of Visual Arts and Contemporary Technologies and my practice as art / educator in a public school in the municipal district, on the outskirts of Belo Horizonte, during 2019, with students between 12 and 14 years old. This experience involved artistic productions from stimuli provided by the literature of Manoel Wenceslau Leite de Barros, Brazilian poet.

Earlier this year, an useful issue was raised for the irregular disposal of waste and waste at the school door. From this issue, the possibility arose of associating a literature by this poet, which he values or not, even activities related to the discipline Art.

With that, you can work with the use of cognitive tools so that, through imagination, students can see this problem with another look.

This process was experienced by pedagogical practices that resulted in a poem book, an exhibition of three-dimensional objects and a panel, making this project go beyond the school walls. The set of this active experience between the University and the classroom, selects the dialogue between teaching / learning and generates elements about the process and the result of the works performed by the students, which now allows to receive a critical reflection.

Keywords: Art / Education; Imagination; Manoel de Barros

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Kátia Archanjo - Desenho do trecho: É mais fácil fazer da tolice um regalo do que da sensatez. Poema: O livro sobre nada– abril 2019.....	22
Figura 2: Kátia Archanjo– Desenho do trecho: Tem mais presença em mim o que me falta Poema O Livro Sobre Nada– abril 2019.....	23
Figura 3: Kátia Archanjo– desenho do trecho: Melhor jeito que achei para me conhecer foi fazendo o contrário – abril 2019.....	24
Figura 4: Kátia Archanjo– Coletânea de desenhos do trecho: O meu amanhecer vai ser de noite– Abril 2019	25
Figura 5: Kátia Archanjo–Desenho do trecho: O meu amanhecer vai ser de noite– Abril 2019	26
Figura 6: Kátia Archanjo– Desenhos do trecho Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore– abril 2019	27
Figura 7: Kátia Archanjo– Coletânea de desenhos do trecho Sabedoria pode ser que seja estar em uma árvore– maio 2019.....	28
Figura 8: : Kátia Archanjo– Desenhos do trecho Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore– abril 2019	29
Figura 9: Kátia Archanjo– Foto de uma turma planejando seu trabalho artístico na biblioteca– maio 2019	34
Figura 10: Kátia Archanjo– O Catalisador da imaginação e seu poema, é a experimentação para a prática em sala de aula com resíduos sólidos no ano de 2019– junho 2019.....	36
Figura 11: Kátia Archanjo– O Apanhador de Desperdícios: objeto/brinquedo com seu projeto, realizado por estudantes do 9º ano– junho 2019	39
Figura 12: Kátia Archanjo– Livre para Voar é objeto realizado por um grupo de alunos do 9º ano, inspirado no poema Borboleta, de Manoel de Barros– junho 2019	41
Figura 13: Kátia Archanjo– Processo de criação do objeto inspirado no poema O Menino que ganhou um rio– maio 2019.....	42
Figura 14: Kátia Archanjo– Produção artística: CALYJI– maio 2019	45
Figura 15: Kátia Archanjo – Parâmetra: objeto criado a partir do poema Difícil fotografar o silêncio– março 2019.....	46
Figura 16: Kátia Archanjo– bota fora de resíduos e rejeitos na porta da escola– fevereiro de 2019	49
Figura 17: Kátia Archanjo– Caricatura de Manoel de Barros– maio 2019.....	50
Figura 18: Kátia Archanjo– Processo de criação artística do painel da caricatura de Manoel de Barros– maio 2019	51
Figura 19: Kátia Archanjo– Finalização da assemblagem da caricatura do poeta– maio 2019.....	52
Figura 20: Kátia Archanjo– Fotografia do painel para a exposição Arte e Sustentabilidade– maio 2019	53
Figura 21: Kátia Archanjo– QR Code da exposição Arte e sustentabilidade– setembro 2019	54
Figura 22: Kátia Archanjo– Exposição Arte e Sustentabilidade no MIS Cine Santa Tereza– setembro 2019	54
Figura 23: Kátia Archanjo– Exposição de Arte e Sustentabilidade no Parque Municipal de Belo Horizonte– setembro 2019.....	56

Figura 24: Kátia Archanjo– Semana da Educação/ Tenda da Tecnologia– setembro 2019	57
Figura 25: Kátia Archanjo– Palestra ministrada pelos alunos sobre os 5 Rs, para os alunos do ensino fundamental– agosto 2019.....	58
Figura 26: Kátia Archanjo– Entrega do destaque na UFMG Jovem– maio 2019	59
Figura 27: Kátia Archanjo – Aula prática da disciplina: Laboratório do Ensino de Artes Visuais no Brasil– junho 2018.....	61
Figura 28: Kátia Archanjo – Fé– setembro 2018.....	61
Figura 29: Kátia Archanjo – Roda de conversa sobre o filme Só dez por cento mentira– abril 2019.....	62
Figura 30: P.H.L., 14 anos – Rachadura – junho 2019	63
Figura 31: M.E.S., 14 anos – Recreio – março 2019.....	64
Figura 32: Kátia Archanjo – Asfaltamento da rua onde fica a escola, antes e depois– setembro 2019	66

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. O NADA NAS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS	16
2.1 O poema sobre nada que virou livro poético	21
3. “INVENCIONANDO” COM RESÍDUOS SÓLIDOS	31
3.1 Exposição das “raízes criancêiras às coisas olhadas de azu.....	33
3.2 Poesia que vira arte, arte que vira poesia	38
4. FILMES QUE VIRAM ARTES VISUAIS; ARTE QUE TRANSFORMA VIDAS.....	48
4.1 Lixo extraordinário: do filme à construção de um painel de	48
4.2 Só dez por cento é mentira: do filme à produção fotográfica	59
5. CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS.....	68

1. INTRODUÇÃO

O ambiente escolar é plural e heterogêneo. Nele, convivem pessoas que trazem suas mais variadas experiências baseadas nos convívios familiar e social. E, para absorver essa riqueza inerente ao ser, o arte/educador atuante deve ter ou exercitar sua sensibilidade para perceber as demandas levantadas pelos alunos, pela escola e seu entorno.

Formei-me em Licenciatura em Desenho e Plástica, pela Universidade do Estado de Minas Gerais, e foi em uma escola pública de Belo Horizonte que comecei minha prática pedagógica com estudantes do 3º ciclo.

A princípio, os educandos pensavam que Arte era desenhar e colorir. Ao me deparar com esse (pre)conceito, minha missão passou a ser a de apresentar uma arte dinâmica, autêntica e diversificada, além de estabelecer, com eles, uma “inter-relação entre o fazer, a leitura da obra de Arte (apreciação interpretativa) e a contextualização histórica, social, antropológica e/ou estética da obra.” (BARBOSA, 2003, p.17).

Ao mesmo tempo que ensinava, aprendia. Enquanto aprendia, descobria o quanto precisava melhorar. Pensando em adquirir novos conhecimentos e aprimorar a prática docente, senti o desejo de fazer o Curso de Especialização em Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas, oferecido pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

No decorrer do curso, entendi a importância de fazer da minha prática uma pesquisa. E outrossim, tive a oportunidade de conhecer, na disciplina *Laboratório de Ensino de Artes Visuais no Brasil*, o poeta brasileiro Manoel de Barros, através do filme: *Só Dez Por Cento É Mentira*. Percebi que como o escritor, minha alma poética precisava ficar atormentada para ver um mundo além do inimaginável. Desse filme, busquei inspiração para desenvolver com os arte-educandos, uma série de produções artísticas associando Artes Visuais aos poemas metafóricos desse escritor que valoriza o simples, o desprezível e o inútil.

Paulo Freire (2002, p.14) afirma que não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Ser uma educadora/ pesquisadora em Arte faz-me buscar permanentemente fontes de informação por meio da pesquisa, de novos materiais e

técnicas, que atenderão às necessidades dos alunos e promoverão seu crescimento pessoal, porque

Arte e seu ensino não é apenas uma questão, mas muitas questões; não é um problema, mas inúmeros desafios, uma tensão instalando estados de tensividades entre olhares, buscas e encontros aprofundados, pois a Arte é conhecimento a ser construído incessantemente. (FRANGE, 2003, p.47)

Entendo que, como arte/educadora/pesquisadora, necessito investigar soluções e encontrar respostas para os problemas que me são intrínsecos e que dizem respeito às minhas inquietudes internas, relacionadas à arte no ambiente escolar. Ou, na ausência de respostas satisfatórias, encontrar caminhos que possam mitigar tais problemas, de modo que se transformem em algo tangível e compreensível.

Lucia Pimentel, (2015, p. 89) afirma que “ao se tratar da pesquisa em ou sobre arte, é o artista quem cria seu próprio problema ou ponto de conflito, para que este possa investigar e tentar uma solução que considere adequada aos seus propósitos.”

Assim sendo, a conexão estabelecida entre os trabalhos desenvolvidos em sala de aula, os conhecimentos adquiridos na universidade e um comentário deflagrado certa vez por estudantes dentro de sala, sobre o descarte irregular de resíduos e rejeitos na porta da escola, configurou-se como o ponto de partida para uma rica e dinâmica experimentação prática e teórica permeada pelo campo da arte, relacionada à literatura de Manoel de Barros.

Compreendo que a prática docente, não raras vezes, se esbarra na insuficiência de recursos materiais que pode inviabilizar boas ações na sala de aula. Contudo é justamente nesse contexto, ou seja, na falta, que se abriram novas possibilidades para se trabalhar, em uma escola pública de periferia em Belo Horizonte, a imaginação, a percepção, a reflexão, a sensibilidade e a ressignificação de objetos e pessoas.

Nessa escola, no ano de 2019, estudantes do 3º ciclo, em especial do 9º ano, dialogaram entre si, sobre questões relacionadas ao consumo excessivo de bens, à valorização do ser humano e à necessidade de se promover ações que contribuam com o meio ambiente. Dessa discussão, foi observado como a paisagem em frente a

esse espaço educacional e em outros espaços do bairro mostrava-se modificada pela ação do lixo.

Por isso, a partir dessa demanda, surgiu-me a inquietude de realizar ações no campo da arte, relacionadas à literatura de Manoel de Barros, que contribuíssem para um olhar mais crítico e sensível sobre o descarte irregular de resíduos e rejeitos pela comunidade na qual a escola está inserida, como também para o resgate à dignidade, valorização e ampliação do conhecimento por meio da arte, nesses estudantes que vive às margens da sociedade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, p. 211) explana sobre a necessidade de “relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.” Para isso, busquei como metodologia realizar o fazer artístico, por meio da confecção de um livro ilustrado, assemblage, fotografias, poemas, entre outros, a partir da Literatura desse poeta das miudezas, que em sua Literatura, valoriza aquilo que é desvalorizado.

Fomentar nesses estudantes competências e habilidades que perpassam pelo criar, expressar, fruir, refletir e se posicionar criticamente leva-os a experienciar produções artísticas que articulam a sensibilidade e a percepção, para conhecerem a si mesmos, o outro e o mundo que os cerca.

Em tese, outras disciplinas oferecem amplas possibilidades para se trabalhar capacidades cognitivas. No entanto, o campo da Arte configura-se indubitavelmente como um terreno fértil para o exercício pleno da imaginação.

Estudiosos como Lucia Gouvêa Pimentel e Ana Mae Barbosa contribuíram com o embasamento teórico sobre a construção do conhecimento em arte; Paulo Freire ajudou-me a refletir sobre a relação do ensino/aprendizagem entre o educador e o educando; Vanderlucy Oliveira, por sua vez, apresentou-me o lado imaginativo de Manoel de Barros e sua valorização pelo inútil; o próprio Manoel de Barros mostrou-me que é possível associar as artes visuais à sua poesia, de uma forma lúdica e reflexiva.

Desta forma, através de todo o processo artístico que foi desenvolvido durante o ano de 2019 associado aos poemas de Manoel de Barros, esses sujeitos da aprendizagem em Arte tornaram-se protagonistas da sua própria experiência, utilizando seus corpos na totalidade, desenvolvendo habilidades e sensações, tais como a emoção, a percepção, a intuição, a sensibilidade e o intelecto, para afetar-se e afetar diretamente o meio em que vivem. (BNCC, p.193)

No presente trabalho, busco descrever como se deu o projeto “Invencionática: um outro olhar para o ínfimo”. Com vistas a consolidar a aproximação entre poema e artes plásticas, foi confeccionado um livro de ilustrações inspirado no poema *O Livro Sobre Nada*, do poeta Manoel de Barros, descrito no capítulo 2.

No capítulo 3, discorro com embasamento teórico, sobre o processo de construção de objetos tridimensionais a partir de resíduos sólidos, inspirados nos poemas.

Por fim, no capítulo 4, disserto sobre o surgimento do lixo e do impacto causado por ele na sociedade; as aprendizagens relacionadas ao fazer arte e sua importância para o processo de construção do conhecimento por meio dos filmes *Lixo Extraordinário* (2010) e *Só Dez Por Cento é Mentira* (2008).

Concordo com Lucia Pimentel (2013, p. 99), quando diz que “a formalização da pesquisa em arte evidencia uma situação, esclarece os processos de pensamento artístico, denuncia o limite e aponta as possibilidades de sua expansão.” Com o projeto “Invencionática: um outro olhar para o ínfimo”, além dos resultados obtidos na escola e seu entorno, abriu-se diversas possibilidades de aprendizagens que extrapolaram os muros da escola, ensejando uma vasta experiência profissional.

2. O NADA NAS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS

É no percurso da busca do saber em Arte e da prática em sala de aula que me deparo com o nada e, com ele, brinco com os vazios que me preenchem. Percebo que a inexistência, a falta e a escassez são o que me fazem existir como professora. Nesse “nada”, busco liberdade na imaginação para materializar o impalpável, a ponto de um poema chegar ao grau de desenho para se tornar livro.

A poética presente nas ilustrações realizadas pelos docentes se dá a partir do poema *O Livro Sobre Nada*, do poeta Manoel de Barros. Nele, educandos e educandas do 9º ano exercitaram a desconstrução do pensamento por meio da poesia, para o desenvolvimento de capacidades cognitivas e perceptivas em arte.

Lucia Pimentel define cognição como:

o conjunto estruturado de saberes que se baseiam em experiências sensoriais, pensamentos, lembranças. Envolve atenção, percepção, memória, raciocínio, juízo, imaginação, sensibilidade, pensamento, emoção. Envolve, portanto, um contexto biológico, psicológico e cultural abrangente, uma vez que inclui aspectos afetivos, físicos e socioculturais. Esse contexto não é externo ao indivíduo, mas faz parte dele e instiga suas capacidades perceptivas e cognitivas. (PIMENTEL, 2013, p.97)

Por meio das produções artísticas inspiradas nos poemas de Manoel de Barros, os estudantes usaram, entre outras habilidades, a imaginação, para ampliar suas capacidades perceptivas e cognitivas. Vanderluce Oliveira (2016, p. 77), ao dizer que “na imaginação propriamente dita, acontece a ampliação do pensar, o risco da irrealidade, o sonho, o devaneio, a previsão, a possibilidade de algo ligado aos acontecimentos presentes e passados,” reforça a necessidade de “transver” o mundo para alargá-lo. “Transver” é um termo usado pelo poeta.

Manoel de Barros afirma que “arte não tem pensa: O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.” E força: “é preciso transver o mundo.” (BARROS, 1996, p.55).

Transver pode ser entendido como “colocar a imaginação como fator importante para o desenvolvimento de capacidades cognitivas que perpassam pelo experienciar arte através de metáforas”, conforme Lucia Pimentel (2013, p. 97).

Nas próximas linhas, pretendo descrever como se deu esse processo para a elaboração de um livro de ilustrações, com trechos do poema *O Livro Sobre Nada*.

O livro sobre nada

É mais fácil fazer da tolice um regalo do que da sensatez.
 Tudo que não invento é falso.
 Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira.
 Tem mais presença em mim o que me falta.
 Melhor jeito que achei pra me conhecer foi fazendo o contrário.
 Sou muito preparado de conflitos.
 Não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma fique desamparada do ser que a revelou.
 O meu amanhecer vai ser de noite.
 Melhor que nomear é aludir. Verso não precisa dar noção.
 O que sustenta a encantação de um verso (além do ritmo) é o ilogismo.
 Meu avesso é mais visível do que um poste.
 Sábio é o que adivinha.
 Para ter mais certezas tenho que me saber de imperfeições.
 A inércia é meu ato principal.
 Não saio de dentro de mim nem pra pescar.
 Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore.
 Estilo é um modelo anormal de expressão: é estigma.
 Peixe não tem honras nem horizontes.
 Sempre que desejo contar alguma coisa, não faço nada; mas quando não desejo contar nada, faço poesia.
 Eu queria ser lido pelas pedras.
 As palavras me escondem sem cuidado.
 Aonde eu não estou as palavras me acham.
 Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas.
 Uma palavra abriu o roupão pra mim. Ela deseja que eu a seja.
 A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos.
 Quero a palavra que sirva na boca dos passarinhos.
 Esta tarefa de cessar é que puxa minhas frases para antes de mim.
 Ateu é uma pessoa capaz de provar cientificamente que não é nada.
 Só se compara aos santos. Os santos querem ser os vermes de Deus.
 Melhor para chegar a nada é descobrir a verdade.
 O artista é erro da natureza. Beethoven foi um erro perfeito.
 Por pudor sou impuro.
 O branco me corrompe.
 Não gosto de palavra acostuada.
 A minha diferença é sempre menos.
 Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria.
 Não preciso do fim para chegar.
 Do lugar onde estou já fui embora. (BARROS, 2002 p. 67/68)

Em uma manhã agitada de terça-feira, O poema *O Livro Sobre Nada*, do poeta Manoel de Barros, impresso em folha, foi o mote para discussão entre os alunos do 9º ano. Fizemos a leitura do poema acompanhada de sua gravação. Após

a leitura, deixei a discussão em aberto para que socializassem suas impressões sobre o poema.

Por meio de uma roda de conversa e da liberdade de expressão e impressão, foram levantadas dúvidas e estranhamentos relacionados ao poema.

Esse ponto de partida para a externalização da subjetividade foi colocado à prova. Seria o nada algo sem valor? Aquilo que não existe? Tudo que mereça desconsideração? Vazios internos? E os vazios? Seriam vazios mesmo? O nada seria nada mesmo?

Nesse diálogo, observei as interrogações expressas através dos olhares. Escutei-os, pois, Paulo Freire (2010, p. 113) afirma que “somente quem escuta paciente e criticamente o outro fala com ele.” Nessa escuta, alguns alunos se manifestaram afirmando que Manoel de Barros foi um poeta muito louco, pois seus versos fugiam do tipo de literatura que eles conheciam. Como discordar dessa loucura, se o próprio escritor dizia que “poesia é a loucura das palavras, é o delírio verbal, a ressonância das letras e o ilogismo.” (BARROS, 2000, p. 63). Para Vanderluce Oliveira (2016), a poesia de Manoel de Barros não é para ser compreendida, mas incorporada, sem reduzi-la aos ditames da razão.

Em seguida, pedi para que os estudantes lessem o poema mais uma vez, porém em silêncio. Uma aluna, após a leitura, pediu a palavra: “Professora, podemos ler o poema agora de trás para frente?” Não acreditava no que estava escutando. Imediatamente deixei-a ler de trás para frente e todos os alunos se envolveram nesse brincar. Disse para eles que a poesia não precisava ser entendida, mas sentida, descoberta.

Desafiei-os a mergulharem em seus mundos internos e a explorarem o imaginário, para que transformassem as palavras desse poema em desenhos. Aline Rodrigues (2016, p. 19) afirma que “a produção literária de Manoel de Barros está ancorada em uma subjetividade que recolhe, no imaginário do restolho, do insignificante, do vazio e da ruína, a possibilidade transformadora e afirmativa do mundo...” Portanto, a leitura do poema *O Livro Sobre Nada*, foi a forma que encontrei para aproximar arte e literatura, buscando, no subjetivo e nos vazios, a capacidade criadora de materializar o pensamento.

Segundo Paulo Freire (2010), uma das tarefas essenciais para o educador é criar condições para que a aprendizagem aconteça de maneira crítica. Ensinar não se limita ao tratamento superficial do objeto conteúdo, mas, ao contrário, engloba a

produção das condições em que aprender criticamente é possível. “E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes”. (FREIRE, 1996, p. 26).

Foi na absurdez dos versos que desajustei mentes para a transformação de palavras em imagens, na busca de desenhos inimagináveis. A tarefa se deu em duplas, numa troca rica de experiências e ajuda mútua. Enquanto escolhiam o trecho do poema, observavam palavras diferentes, buscavam os significados de palavras desconhecidas e procuravam o trecho mais interessante para a ilustração.

Nessa aula, não finalizamos a atividade. Os estudantes foram instruídos a registrar, em seus diários de artistas¹, os pontos mais interessantes desse processo.

Na aula seguinte, alguns trouxeram de casa anotações, pesquisas e poemas de Manoel de Barros. A aluna R.T., 14 anos, surpreendeu-me ao escrever:

Quero fazer das palavras de Manoel de Barros as minhas;
quero entender a arte, como ela me entende.
Quero ser ensinada por ela porque hoje sou sua aluna,
amanhã quero ser sua interpretadora (R.T, 2019)

A estudante também declarou que queria fazer da sua vontade a vontade do seu sentimento, ou seja, fazer a vontade do que sente e não do que lhe é imposto. Ela escreveu que, da mesma forma que Manoel de Barros não queria ser visto por pessoas razoáveis, ela não queria ser vista com olhos humanos: “quero ser vista como alguém que exploda e libere os sentimentos em forma de palavras que se transformam em arte. Não quero ser entendida e sim apreciada.” Esse trecho chamou-me a atenção. Maísa Antunes (2011) diz ser capaz de apreender as palavras que os poetas dizem com suas poesias em versos, imagens, pinturas, esculturas. Essa aluna mostra que também pôde fazer esse exercício, apropriando-se poeticamente de Manoel de Barros e do desejo de conhecer e vivenciar a arte.

Como Antunes, também “acredito na possibilidade de uma educação menos adestradora, que verdadeiramente perceba outras dimensões do ser humano, não apenas a razão, perceba outros canais de apreensão do mundo.” (ANTUNES, 2011, p. 10). Rubem Alves (1994, p. 70) afirma que “só vai para a memória aquilo que é objeto do desejo. É tarefa primordial do professor seduzir o aluno para que ele

¹ Diário de artista são cadernos ou suportes onde os estudantes registram suas experiências pessoais, aprofundam em pesquisas, expressam suas opiniões por meio de anotações colagens, desenhos, dentre outras formas de expressão.

deseje e, desejando, aprenda.” Aprender experienciando foi a maneira que encontrei para associar arte e poema. John Dewey (2010, p. 218) reconhece que “um novo poema é criado por cada um que o lê poeticamente.” Percebi que o lado poeta dos meus educandos estava aflorando em seus mundos imaginários, para desabrochar no fazer artístico.

Como professora propositora, fui buscar, na cognição imaginativa, minha desaprendizagem. Para isso, Manoel de Barros trouxe subsídios para descristalizar minha prática em sala de aula, porque como ele:

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas. (BARROS, 2002, p. 79)

Usar as borboletas da imaginação para materializá-las no fazer artístico faz-me refletir que:

na linha da Cognição Imaginativa, são acionados estudos sobre Arte e seu ecossistema, metáfora, processos subjetivação, experiência, imaginação e afecção. Trabalha-se originalidade como algo da origem do sujeito e cognição como criação, uma vez que a atividade cognitiva se dá na relação entre o original do sujeito e as possibilidades de apreensão do que se encontra no ecossistema. (PIMENTEL, 2016, p.12)

A autora (2013, p.99) também diz que “pensar arte é uma instância do espaço imaginativo, não como espaço de acaso, mas como espaço da construção do conhecimento,” que se dá por meio de metáforas. De acordo com Vanderluce Oliveira (2016, p. 14), “a poesia de Barros transforma a vida num gesto de pensar que pensa diferente.” Pensar em arte através do poema perpassou pelo campo da imaginação, para incorporar versos do Livro Sobre Nada, que despontou em imagens.

Aline Rodrigues alega que a obra do poeta estabelece um programa artístico da linguagem, que:

obriga o seu leitor a abandonar a lógica metafísica e as suas categorias de interpretação do mundo que vão sendo suplantadas pela alteridade máxima, pela lógica da destruição afirmativa e pelos vazios de sentido que se torna abundante. (RODRIGUES, 2016, p. 19)

Com o vazio e o nada de sentidos contidos na literatura de Barros, cada estudante produziu plasticamente seus pensamentos em forma de desenho. Pimentel (2016, p.19), também afirma que “desenhar não é fotografar com lápis – mas sim pensar a imagem.” Se pensar a imagem é fator para a construção de conhecimento, a aprendizagem da produção imagética implica em função cognitiva.

2.1 O poema sobre nada que virou livro poético

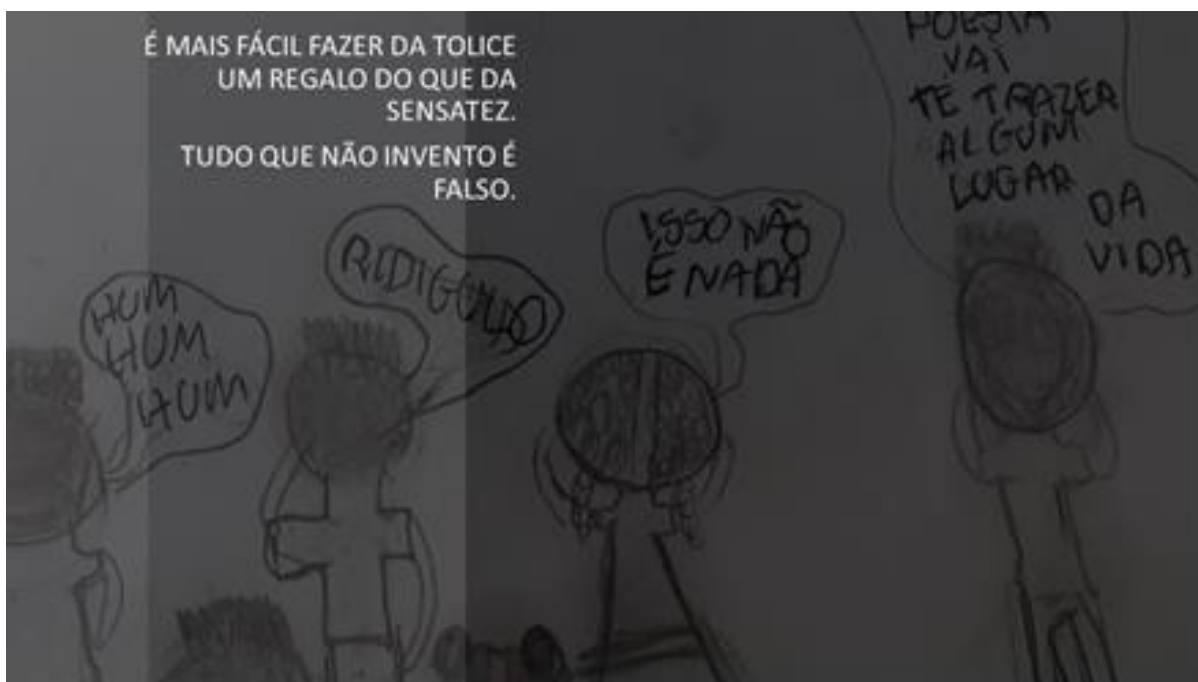
Com os desenhos prontos, realizei um momento de socialização em roda de conversa. Em uma determinada turma do 9º ano, surgiu o desejo de selecionar as imagens por versos, para a confecção de um livro ilustrado que levaria o nome do poema: *O Livro Sobre Nada*. Os estudantes que quiseram, entregaram os desenhos para os colegas que ficaram encarregados de organizar esse material. A fim de não expor a identidade dos alunos, utilizei para identificação dos mesmos as letras iniciais dos seus nomes, chamarei – os de L.M, J.S, R.P, W.C e K.C.

Gastamos cerca de duas aulas para organizarmos o livro. Houve muito envolvimento, e a coordenação nos auxiliou na digitalização e diagramação dele.

A capa foi realizada por um dos alunos que elaborou uma caricatura do poeta. Essa e outras caricaturas foram realizadas para o projeto *Arte e Sustentabilidade* que explicarei nos próximos capítulos.

Nas próximas linhas, dialogarei com alguns desenhos que tiveram significado para mim enquanto apreciadora. Tentarei expressar minha subjetividade em forma de palavras a partir de trechos que viraram ilustração nas mãos e mentes dos educandos.

Figura 1: Kátia Archanjo - Desenho do trecho: *É mais fácil fazer da tolice um regalo do que da sensatez.* Poema: *O livro sobre nada*– abril 2019



Fonte: arquivo pessoal

O desenho chapado em grafite, com linhas reforçadas, mostra pessoas de costas vaiando um personagem que supostamente seria o poeta. Refere-se essa ação inundada de regalos, o “desver” desse estudante? As palavras nos balões escritas com tinta preta se destacam com frases ora vaiando, ora ridicularizando um personagem que não aparece na cena, mas parece estar pulsando em suas mentes.

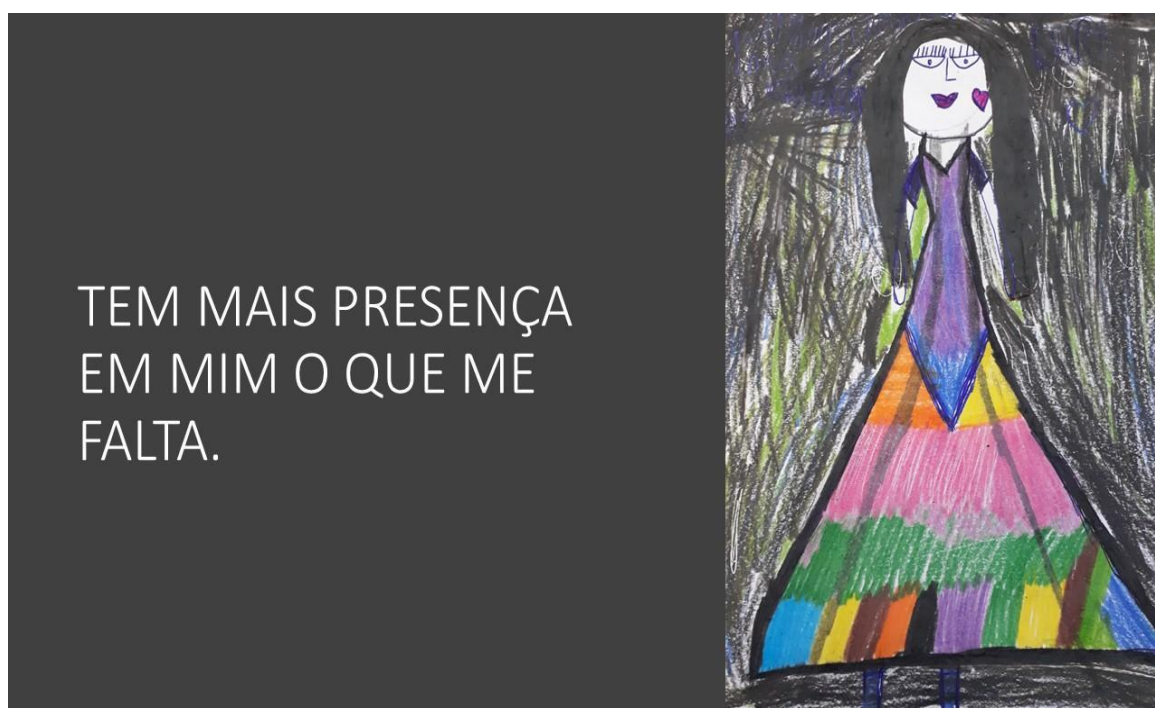
Por valorizar as coisas desimportantes e os seres desimportantes, Manoel de Barros pulsa nesse trabalho. Ele me ajuda a estabelecer identidade nesses adolescentes, colocando-os como “sujeitos que se assumem como seres sociais e históricos, como seres pensantes, comunicantes, transformadores, criadores, realizadores de sonhos, capazes de ter raiva e de amar. (FREIRE, 2010, p. 41) Como também de imaginar e invencionar.

A próxima ilustração é do trecho: *Tem mais presença em mim o que me falta,* do poema *O Livro Sobre Nada*. Vejo a existência de um ser que se completa com vivências e penso que é a falta que nos motiva como seres, o reinventar. Se não houver incompletudes, ficamos estagnados. É são nas incompletudes que, conforme Barros (2002), encontramos nossa maior riqueza.

A aluna que representou esse verso faz parte da nossa equipe de alunos especiais. Sua força e generosidade se dão por meio de cartinhas, beijos com

batons, desenhos e carinho. Posso dizer que ela, como os outros, me completa como arte-educadora, ensinando-me a “ser”. Como Antunes (2011, p.9), quero educar-me e deseducar-me para poder romper com os regulamentos quando esses regularem demais. Enxergar a prática em sala além do trivial é fomentar internamente ações que desregulam meu sistema, fazendo-me outras.

Figura 2: Kátia Archanjo– Desenho do trecho: *Tem mais presença em mim o que me falta Poema O Livro Sobre Nada*– abril 2019



Fonte: arquivo pessoal

Paulo Freire ainda discorre sobre isso dizendo que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, p.23) Na prática, tenho buscado criar caminhos para que a construção do conhecimento em Arte aconteça com todos os alunos, inclusive com os alunos portadores de necessidades especiais, que me trazem muitas aprendizagens.

Nesse desenho, a estudante L.M., 12 anos, utiliza lápis de cor sobre o papel sulfite cujo fundo é preto. Nesse fundo, percebem-se movimentos expressivos, mostrando vibração por meio dos traços: o amarelo que se mistura à escuridão das linhas remete à ideia de luz; movimentos irregulares se apresentam ora retos, ora laterais, não estabelecendo padrão.

O desenho é figurativo, e a personagem ocupa toda folha, mostrando-se inteira, completa, do gênero feminino, de cabelos longos, pretos e chapados. Embora o fundo da cena pareça conturbado, com traços agitados, a personagem demonstra beleza, altivez e atitude. A estudante apresenta um ser presente, tranquilo, lindo, que se destaca na escuridão ao seu entorno.

Penso que essa luz que se mistura à sombra sai dessa personagem que, com seu jeito, consegue modificar os que estão ao seu redor. O seu entorno é agitado, mas ela permanece tranquila, linda e demonstra o sorriso no rosto.

Concordo com Oliveira (2016), quando ele diz que as crianças enxergam as coisas com mais percepção, com o objetivo de descobrir aquilo que Manoel de Barros tanto valoriza. A imaginação criadora, que aparece na ilustração desse trecho do poema, leva-nos a refletir que nossas deficiências são eficientes para poesia.

Como professora/artista/pesquisadora, entendo que as produções apresentadas nesse livro, partem da sensibilidade e da percepção, e são importantes para a Arte enquanto área do conhecimento. Busco portanto, fazer as análises das imagens do livro ilustrado *O Livro Sobre Nada*, pautada no viés da investigação, da imaginação, da emoção, da sensibilidade e da reflexão; como é percebido na próxima ilustração realizada a partir do verso: *Melhor jeito que achei para me conhecer foi fazendo o contrário*.

Figura 3: Kátia Archanjo– desenho do trecho: *Melhor jeito que achei para me conhecer foi fazendo o contrário* – abril 2019



Fonte: arquivo pessoal

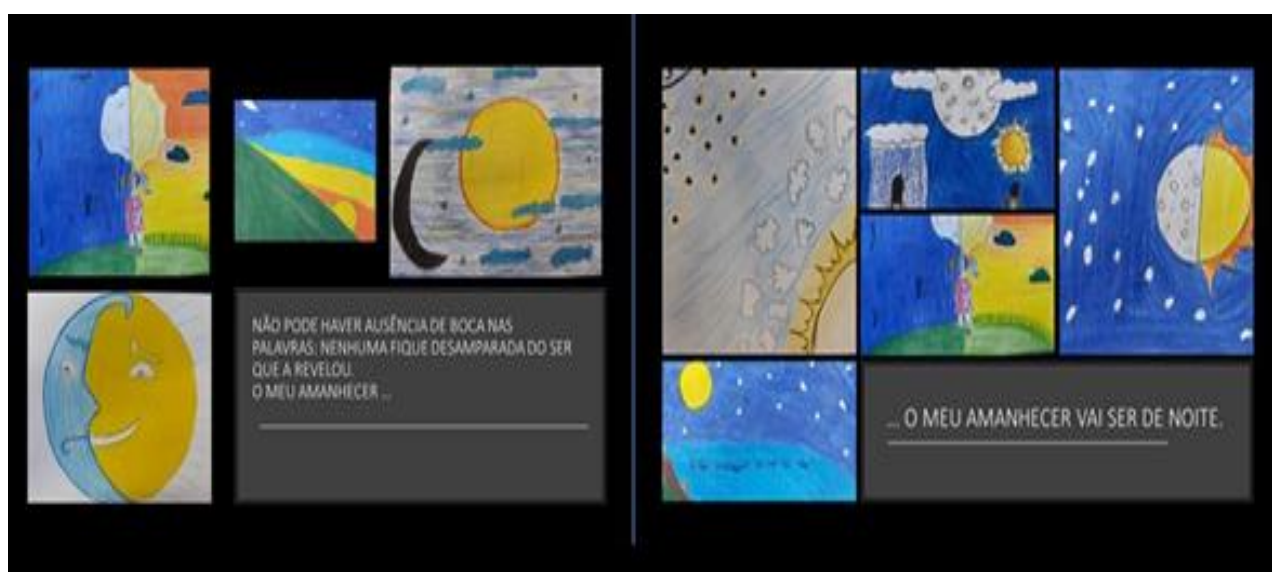
Nessa ilustração, um corpo estático, ao avesso, em que mãos são pés e pés são mãos, uma menina tem a cabeça virada. Seu mundo externo não tem muitos elementos a não ser um chão gramado verde claro, feito de traços vibrantes, que se sentem atraídos por essa criatura, como se quisessem carregá-la.

No seu mundo interno, ao contrário do estado inerte, a criatura busca responder a perguntas relacionadas ao preconceito. O desenho realizado por J.S., 12 anos, ilustra a parte do poema que diz “Melhor jeito que achei pra me conhecer foi fazendo o contrário.” A adolescente deixou-se levar pelo sentido da frase e desenhou tudo ao contrário. Vemos um desenho com a percepção do espaço e uso das cores complementares – verde e rosa. O traço é forte na grama, mas a personagem é triste e apagada no vestir.

Com orelhas no alto da cabeça, como se fossem antenas, ela capta a dor do outro e a não aceitação. J.S. diz que muitos são rotulados pela cor da pele, pelo tipo de cabelo, pela aparência física, entre outros. A estudante diz querer fazer o contrário do que a sociedade dita. A aluna faz o apelo pedindo para que as pessoas não prejudiquem as outras por seu jeito diferente de ser.

Já no trecho “O meu amanhecer vai ser de noite,” faz-me pensar que, mesmo quando as possibilidades se esgotam em meio à escuridão da vida, podemos encontrar oportunidades para nascer como sol reluzente.

Figura 4: Kátia Archanjo– Coletânea de desenhos do trecho: *O meu amanhecer vai ser de noite*– abril 2019



Fonte: arquivo pessoal

Muitos dos alunos ilustraram esse fragmento. Analisei as diferentes percepções e cheguei à conclusão de que o amanhecer de noite em forma de desenho, carrega consigo as vivências desses alunos, que deixam de ser verso para ser o eu exposto.

Concordo com Miriam Celeste Martins, quando ela diz que:

A linguagem da arte parece instigar o educador de qualquer área a se tornar mais sensível às leituras de mundo expressas não só pelas obras de arte, pelas manifestações culturais, mas pelos seus aprendizes, com mais sensibilidade, com mais sutileza e crítica e a pensar também não só através da linguagem verbal tratada apenas pelo seu modo mais objetivo e frio e não ampliada pelo poético que também está nela presente. (MARTINS, 2006, p.5)

No desenho de R.P., 14 anos, o cenário se divide em uma folha sulfite, para trazer a ideia do amanhecer e anoitecer, presentes no trecho do poema. Trago minhas percepções sobre essa ilustração, que para mim, tem uma beleza poética da dualidade existente dentro de todos nós.

Durante o processo, esse estudante mostrou-se muito interessado e compenetrado na atividade.

Figura 5: Kátia Archanjo–Desenho do trecho: *O meu amanhecer vai ser de noite*– abril 2019



Fonte: arquivo pessoal

Uma menina de costas, solitária, com cabelos presos, vestida de rosa com bolinhas, sapatos de salto da mesma cor, contempla e reflete sobre suas noites e dias internos. Parece que ela está dividida, sem saber qual direção tomar.

Os movimentos dos traços que simbolizam o céu à noite são fortes, lineares, coloridos na vertical. Já no chão, os traços possuem a mesma intensidade, mas registrados na horizontal. Percebe-se a falta de luz, de estrelas e melancolia transmitida pelas cores frias.

Ao contrário da noite, o dia se apresenta em dégradé, com cores vibrantes e quentes. O fundo, na parte superior, é laranja, com traços precisos, lineares e que se decompõem à medida em que o amarelo toma espaço. As nuvens são espaçadas, o sol não tem tanta luz, pois os traços são fracos como os do chão. O colorido dessa cena é todo na horizontal, e sua intensidade varia. As cores complementares dão destaque à forma simbólica, para dar a ideia de noite e dia, com um traço mais elaborado e uma linha bem definida.

Percebo que há um dualismo de incertezas, em busca de respostas internas, onde o amanhecer pode ser de noite ou o anoitecer de dia.

No desenho a seguir, W.C., 14 anos, submerso no trecho do poema Sabedoria pode ser que seja estar em uma árvore, associou a sabedoria de estar uma árvore à luz representada pelas lâmpadas.

Figura 6: Kátia Archanjo– Desenhos do trecho *Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore*– abril 2019



Fonte: arquivo pessoal

Seu desenho é harmonioso; as linhas, bem definidas. O tronco marrom, colorido com intensidade, opõe-se à copa colorida de amarelo clarinho; os galhos são representados por linhas curvas e finas; as folhas/lâmpadas são de tamanhos variados. Percebo que, embora seja uma árvore com muitas lâmpadas, emite pouca luz, talvez seja por estar desconectada da tomada.

Ao analisar esse desenho, levanto algumas hipóteses: será essa árvore a representação de uma rede de pessoas desconectadas? De qual fonte essa árvore se desconectou? A lâmpada isolada com pétalas de lâmpadas, em que o amarelo é intenso, seria uma pessoa conectada nela mesma, mergulhada em seu mundo interno?

Embora o mundo subjetivo seja vasto, Paul Valery diz que:

[...] talvez examinando o que acontece no intelecto de um poeta, de um artista ou de algum criador, encontraremos momentos que farão pensar numa espécie de produção, de formação natural, como a de uma flor ou a de uma concha: algo que se aproxima nem tanto da produção de um cérebro humano, mas de um organismo combinado com o cérebro humano, como as obras ornamentais elementares, os ornamentos geométricos. (VALERY, 2018, p. 62)

Na beleza poética das ilustrações do *Livro Sobre Nada*, distancio-me das regras para enxergar um mundo imaginado, autêntico e único.

Figura 7: Kátia Archanjo– Coletânea de desenhos do trecho *Sabedoria pode ser que seja estar em uma árvore*– maio 2019



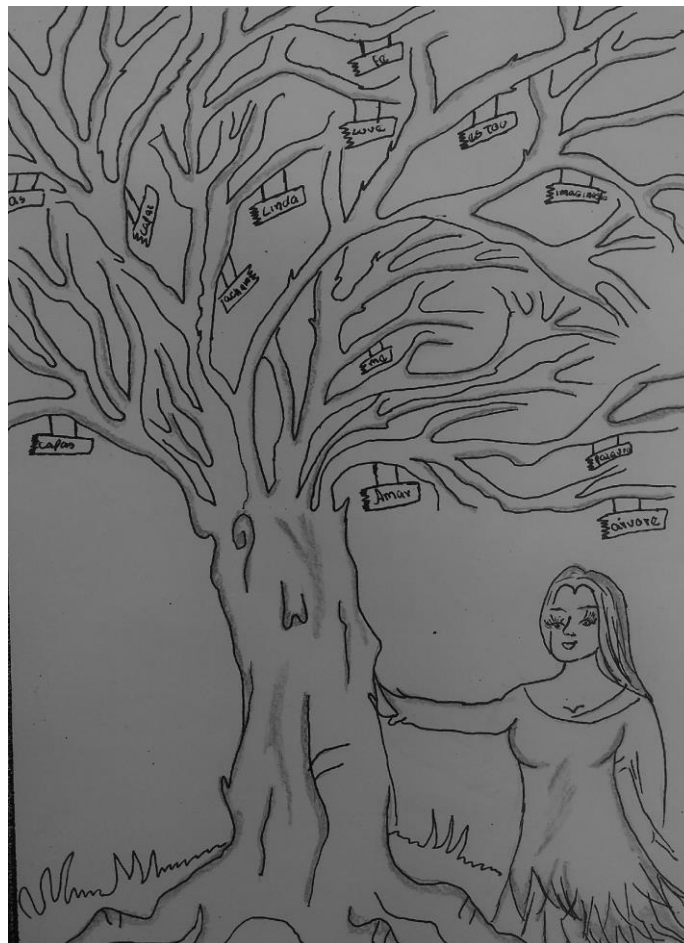
Fonte: arquivo pessoal

K.C., 14 anos, autora do desenho a seguir, que ilustra o mesmo trecho, mostra-os a sabedoria de ser uma árvore sob outro ponto de vista. A menina/árvore

busca nutrição no tronco; os galhos se espalham para vários lados, feitos com um traço irregular; os frutos dessa árvore são as palavras imaginação, fé, amor, árvore... Pelo que parece, a estudante deixou o desenho em grafite por opção, não por falta de lápis de cor.

Diferente da árvore de W.C., que se desconecta da fonte de energia para ter vida, K.C. é uma extensão da árvore, é a sua completude. Árvore/menina, menina/árvore; uma junção de sonhos e outros sentimentos, que são traduzidos em forma de imaginação, mostrando que existe uma vida que pulsa.

Figura 8: Kátia Archanjo– Desenhos do trecho *Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore*– abril 2019



Fonte: arquivo pessoal

KC, além de ilustrar o trecho do poema, sentiu o desejo de escrever:

Sou Árvore
 Sinto-me como uma árvore,
 Cuido-me como se ela fosse.
 Preservo-me para que bons frutos venham,
 No processo que me transforma numa bela

e majestosa planta.
Purificando o coração,
Afastando-me de pragas que querem me destruir,
Aproximando-me de pássaros que transmitem alegria,
Vou plantando pureza pela floresta.
Que floresçam árvores de carinho e amor pelo caminho.
E que meu sentimento espalhado seja recíproco.
Trago por todos os galhos que balançam
de acordo com a brisa,
Flores de paz para que sejam levadas por todo lugar (KC, 15 anos)

Percebi que a troca entre o mundo interno e as vivências externas, que aconteceram durante o processo do livro, foi de extrema importância para que a subjetividade presente na obra de Manoel de Barros se comunicasse com a subjetividade dos educandos.

Segundo Arthur Efland:

[...] a metáfora está presente em todos os domínios do conhecimento, mas é principalmente em Arte que fazemos experiências de ações metafóricas da mente como via de construção de sentidos. O que distingue a experiência artística de outras experiências não é a metáfora por si só, mas a excelência dos níveis metafóricos de imaginação e seu vínculo com a estética. (EFLAND, 2002, apud PIMENTEL, 2013. p. 100)

Ao ilustrar o poema *O Livro Sobre Nada*, os alunos materializaram a imaginação por meio de desenhos, aproximando-se da linguagem poética de Manoel de Barros através do fazer artístico. Embora nunca tivessem ouvido falar dos elementos que compõem as artes visuais, os alunos desenvolveram produções esteticamente interessantes, criando ilustrações que, muitas vezes, representavam o pensamento subjetivo.

Para Vanderluce Oliveira (2016, p.77), “na imaginação propriamente dita, acontece a ampliação do pensar, o risco da irrealidade, o sonho, o devaneio, a previsão, a possibilidade de algo ligado aos acontecimentos presentes e passados.” Pode-se dizer que capacidades inventivas e criativas se iniciaram com essa atividade. No início, foi difícil que entendessem a proposta de ilustrar um poema tão peculiar, mas, aos poucos, por meio do diálogo, a proposta tornou-se prazerosa e envolvente.

3. “INVENCIONANDO” COM RESÍDUOS SÓLIDOS

Lá, onde a pobreza, a falta de saneamento, o déficit de segurança, a exclusão social, política e digital compõe o cenário de uma comunidade periférica de Belo Horizonte, um “bota fora” vira assunto na aula de Arte. Estudantes, em tom de brincadeira, comentam sobre o descarte irregular do lixo na porta da escola.

A partir dessa discussão entre os alunos, da reflexão acerca do consumismo exagerado e de como o meio ambiente e a paisagem em frente à escola e em outros espaços da comunidade mostravam-se modificados pela ação desse lixo, surgiu a necessidade de uma ação que contribuísse, não somente para a mudança dessa realidade, como também para o resgate da dignidade e a valorização desse sujeito que vive às margens da sociedade, através de um olhar sensível ao ínfimo.

Paulo Freire (2010) esclarece que um dos fundamentos para quem educa em uma favela é viver e conviver a ponto de compreender e se envolver com o seu contexto. Para ele, como educador,

[...] como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente.” (FREIRE,2010, p.76-77)

O especialista explica que o mundo está sendo, ou seja, ele não está pronto. Portanto é necessário realizar intervenções para modificar o meio em que se está inserido através de interferências positivas em espaços dentro e fora da escola; no nosso caso, no que diz respeito ao descarte irregular de resíduos e rejeitos sólidos por essa comunidade suburbana.

Freire questiona:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes... (FREIRE, 2010, p.30)

Como arte-educadora, (trans)vi em Manoel de Barros, a possibilidade de fazer e fruir arte contextualizada à realidade desse grupo, porque sua poesia “preconiza coisas simples, valoriza o efêmero, o transitório, a decomposição.” (OLIVEIRA, 2016,

p.30). O poeta acredita que o que é bom para o lixo é bom para a poesia. Para ele, as coisas sem préstimo, jogadas fora têm grande importância — como um homem jogado fora.” (BARROS, 2010, p. 147).

Enaltecer aquilo que a sociedade rejeita e descarta, como esse lixo, e as pessoas dessa comunidade, foi incentivo para ampliar meus horizontes e despertar nos estudantes um outro olhar para o ínfimo, o pequeno, desprezível, através da arte. Oliveira também explica que Manoel de Barros “ênfatiza as coisas simples da terra; objetos em decomposição; lugares abandonados; pessoas comuns; crianças; mendigos; loucos; prostitutas e coisas que não possuem valor de troca.” (OLIVEIRA, 2016, p. 25).

Para isso, apliquei a *assemblage*, que é, segundo Ana Gonzaga (2011), a “técnica que proporciona a análise de materiais e desenvolve o gosto por construir e inventar tramas a respeito das criações, boa oportunidade para trabalhar com a imaginação.”

A colunista explica que,

à primeira vista, o produto desse tipo de arte pode despertar estranhamento. Composta de madeira, papel, tecido, pedaços de brinquedos e muitas outras coisas unidas com cola ou simplesmente por encaixe, a obra é uma forma de expressão do imaginário do autor. Os objetos, embora reunidos para representar algo novo, conservam seu sentido original. Isso é *assemblage*, termo em francês que significa "montagem". (GONZAGA, 2011)

O termo *assemblage*, de acordo com a Enciclopédia Itaú Cultural,

É incorporado às artes em 1953, cunhado pelo pintor e gravador francês Jean Dubuffet (1901-1985) para fazer referência a trabalhos que, segundo ele, "vão além das colagens". O princípio que orienta a feitura de *assemblages* é a "estética da acumulação": todo e qualquer tipo de material pode ser incorporado à obra de arte. O trabalho artístico visa romper definitivamente as fronteiras entre arte e vida cotidiana; ruptura já ensaiada pelo dadaísmo, sobretudo pelo ready-made de Marcel Duchamp (1887-1968) e pelas obras Merz (1919), de Kurt Schwitters (1887-1948). A ideia forte que ancora as *assemblages* diz respeito à concepção de que os objetos díspares reunidos na obra, ainda que produzam um novo conjunto, não perdem o sentido original. (ENCICLOPÉDIA, 2017)

Assemblage, “na realidade, é um trabalho no qual o artista une objetos, por colagem ou encaixe, expressando o seu imaginário. Os objetos que fazem parte das obras permanecem em seu estado original, mas, unidos, parecem diferentes.” (IMBROISE, 2016).

Oliveira (2016) também relata que Manoel de Barros tinha atração pelo obscuro, pela fantasia atrelada ao intelecto, o pensamento ligado à criação poética. Ela afirma que o poeta tinha preocupação com o ofício artístico, embora nunca tenha teorizado sobre o processo artístico.

Percebo a preocupação imagética de Manoel de Barros nas linhas e entrelinhas de seus poemas, e foi por isso que a Invencionática² foi se desenvolvendo no decorrer do ano, transformando-se em artes visuais.

Para iniciar, contei com a exposição “Manoel de Barros: das raízes criancieiras às coisas olhadas de azul”, oferecida em parceria por um colégio particular de Belo Horizonte, na qual os estudantes buscaram inspiração para materializar o poema, conforme as próximas linhas.

3.1 Exposição das “Raízes criancieiras às coisas olhadas de azul”

Foi entre livros e poesia que um ambiente inventivo foi formado. A biblioteca, espaço reservado para receber a exposição “Manoel de Barros: das raízes criancieiras às coisas olhadas de azul”, virou um lugar de apreciação e experimentação pelos educandos.

Trata-se de uma exposição dos poemas de Manoel de Barros, impressa em tecido em forma de banners, com ilustrações de Martha Barros, filha do poeta. Suas ilustrações foram importantes para que os alunos tivessem referência sobre a possibilidade de unir literatura e arte.

Para a leitura dos textos, o visitante pode guiar-se pelas cores das fitas que aproximam poema e leitor, tanto da forma concreta quanto simbólica. Concretamente, elas permitem o acesso ao texto, que desce à altura de sua visão. Simbolicamente, elas identificam o olhar eleito pela curadoria para apresentar a poesia de Barros ao leitor, dividindo os textos em quatro temas recorrentes em sua poética. (LOPES: SANTANA, 2019).

Na Biblioteca, organizamos a exposição dos poemas por temas, e para facilitar a compreensão, dividimo-los da seguinte forma: a infância do poeta, identificada por fitas de cor laranja; os poemas que mostram o fazer poético com as palavras em forma de peraltagens, com fitas verdes; as incompletudes presentes em

² Invencionática, nome do projeto, foi inspirado no poema: “O Apanhador de Desperdícios” de Manoel de Barros.

alguns textos, com fitas vermelhas; e os banners com fitas azuis, valorizou as coisas olhadas de azul, cujos versos e poemas evocam a subjetividade, a capacidade do eu de dar novo sentido às coisas a partir do olhar”. (LOPES; SANTANA. 2016).

Embora nosso espaço fosse pequeno para a quantidade de banners, conseguimos, coletivamente, criar um ambiente aconchegante para receber o público escolar.

Figura 9: Kátia Archanjo– Foto de uma turma planejando seu trabalho artístico na biblioteca– Maio 2019



Fonte: arquivo pessoal

Com esse estímulo, a vida brotou, as mentes se abriram, a troca aconteceu e a curiosidade foi aguçada. Tanto os estudantes quanto eu, enquanto professora/pesquisadora, iniciamos uma aventura que partiu dos poemas à materialização do imaginário.

Paulo Freire afirma que, “como professor, devo saber que, sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.” (FREIRE, p.33). Foi pela busca do saber, pelo diálogo, que criticamente construímos nossa história com esse projeto.

Lucia Pimentel diz o seguinte:

As aulas de Arte deveriam ser o espaço onde mais o aluno e o arte/educando pudessem expor livremente suas ideias sobre seus desejos, suas curiosidades, suas descobertas, sua vida e seus pensamentos

artísticos, deixando de lado a tentativa de agradar o professor ou o arte/educador para ter boas notas ou aprovar seu trabalho. Para que isso ocorra, é necessário que o professor e o arte/educador tomem a iniciativa de abrir esse espaço de forma transparente e compartilhada, cuidando para que, sem deixar de lado sua responsabilidade de ser o professor ou o arte/educador, propicie experiências e ações em que o aluno e o arte/educando se relacionem com suas vivências pessoais e sociais, provocando uma atitude mental e comportamental significativa para a vida. (PIMENTEL, 2017, p.309)

Posso dizer que vivenciar a poética de Manoel de Barros nas artes visuais foi como pegar o vento e sair voando pelas asas da imaginação. Seus poemas aguçaram o imaginário. Sobre imaginação, à luz de Manoel de Barros, Vanderluce Oliveira diz que:

[...] das coisas e objetos saturados, sem utilidade, surge uma nova e vasta significação: nada está esgotado desprovido de sentido. Com o uso da imaginação e labor, a lapidação das palavras, é possível fazer com que o traste, o inútil, ressignifique. E tudo o que normalmente é rejeitado serve para poesia. (OLIVEIRA, 2016, p. 41)

Já no que diz respeito ao ser social na educação, Ana Mae Barbosa afirma que

[...] os tempos em que vivemos exigem investimentos e diversificações, coerências e competências sociais e epistemológicas para que cada um seja construcional de sua “pessoalidade” coletivizada e que se conheça para que possa, nos Outros e nas Coisas, se reconhecer, quer seja nas similitudes, quer seja nas diferenças e/ou nas divergências. (BARBOSA 2003, p.36)

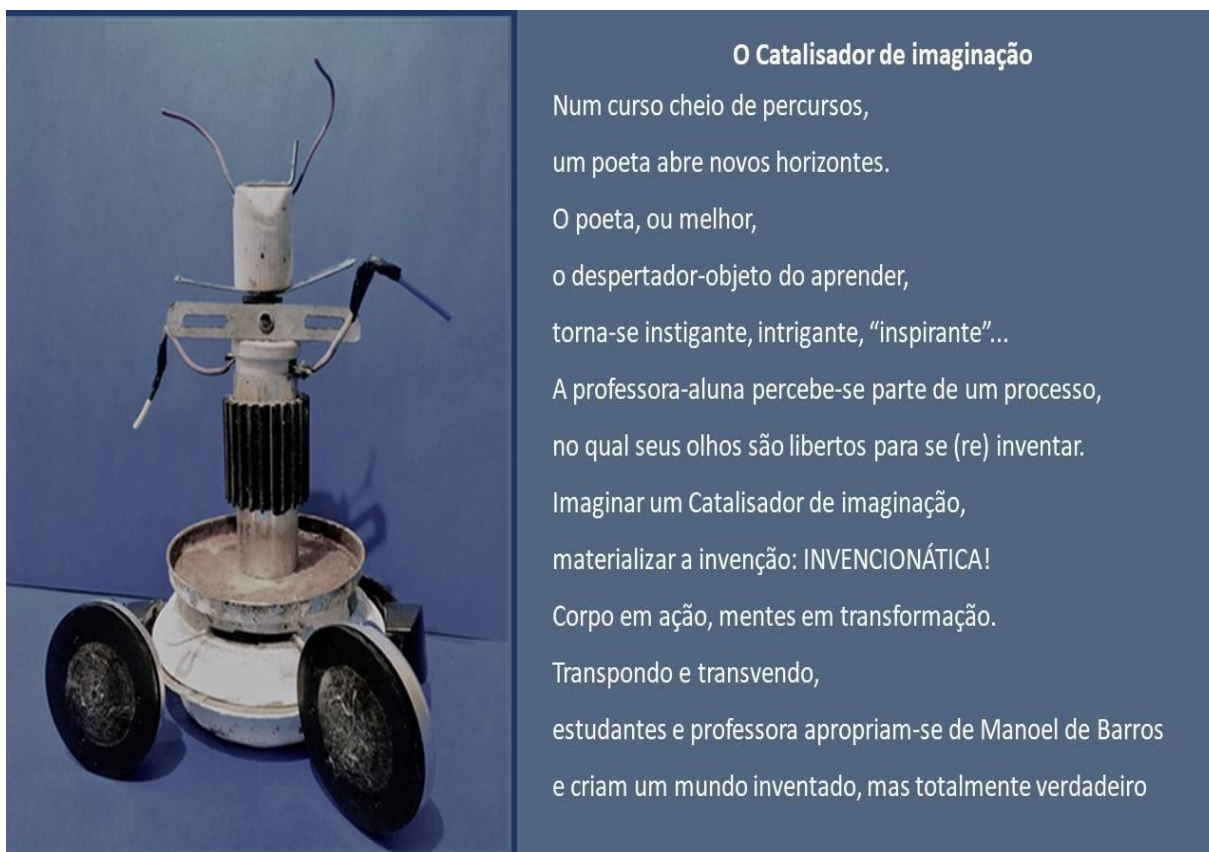
Portanto essa exposição foi uma ferramenta que se revelou como estimuladora do pensar, facilitadora da sensibilidade, da percepção e da imaginação para afetar coletivamente um ser único, autêntico, através de poemas, como *O menino que ganhou um rio; Sobre sucatas; O apanhador de desperdícios; Mundo pequeno; Uma didática da invenção; Borboletas; Difícil fotografar o silêncio; O fazedor de amanhecer; Tratado geral das grandezas do ínfimo; O fotógrafo; Desobjeto; Despropósitos e Bernardo é quase árvore.*

Como Rubem Alves (1994, p.5), “ando sempre na direção oposta, e acredito que a verdade se encontra no avesso das coisas.” Já que é para falar sobre o lixo, que seja de forma poética.

Mirian Celeste Martins corrobora ao dizer que:

[...]a linguagem da arte parece instigar o educador, de qualquer área, a se tornar mais sensível às leituras de mundo expressas não só pelas obras de arte, pelas manifestações culturais, mas pelos seus aprendizes, com mais sensibilidade, com mais sutileza e crítica e a pensar também não só através da linguagem verbal tratada apenas pelo seu modo mais objetivo e frio e não ampliada pelo poético que também está nela presente. (MARTINS, 2006, p.5)

Figura 10: Kátia Archanjo– O Catalisador da imaginação e seu poema, é a experimentação para a prática em sala de aula com resíduos sólidos no ano de 2019– junho 2019



Fonte: arquivo pessoal

Uma fonte que também me serviu de inspiração foi Getúlio Damásio, artista plástico mineiro que trabalha com sucatas na cidade do Rio de Janeiro. Damásio:

Recolhe todo tipo de objeto descartado, como tampas plásticas, pedaços de madeira, brinquedos. A partir desse universo variado, cria objetos cheios de significado. Seu ateliê é um bondinho estacionado em uma ladeira de Santa Teresa, bairro da cidade do Rio de Janeiro. (MEIRA; PRESTO; SOTER; MACHADO; ELIA, 2019)

Já o artista paulistano Guto Lacaz entrou nas minhas aulas, através do livro *O menino arteiro*, de Gil Veloso. O livro conta a história de um menino que o tempo todo estava agregando objetos e criando o inusitado. As ilustrações do livro são as

obras de Guto Lacaz, feitas de objetos, como talheres, ferro de passar e caixa de sabão em pó, que se transformam em esculturas e máscaras.

Nesse mesmo período, assistimos ao documentário *Só dez por cento é mentira*, de Pedro César. Dele, buscamos inspiração para a realização das obras tridimensionais, a partir do relato de um consertador de eletrodomésticos que transformava em arte as sucatas da sua oficina, a partir dos versos de Manoel de Barros.

Após apreciação dos poemas na biblioteca, da leitura do livro *O menino arteiro* e da exibição do filme de Pedro César, um dos estudantes concluiu que os objetos não queriam ser vistos por pessoas razoáveis. Percebi que esse observador já estava fazendo conexão entre a arte e os poemas de Manoel de Barros.

Para essa etapa do projeto, propus que os arte-educandos, recolhessem materiais diversos que seriam jogados fora, como brinquedos estragados e lixo eletrônico. No início, poucos levaram algum tipo de resíduo, mas para estimular a troca, coletei materiais e pedi ajuda para alguns colegas de trabalho. Ao final, além de os estudantes levarem seus próprios materiais, realizaram muitas trocas entre si.

Nas próximas linhas, farei uma leitura das obras dos estudantes/artistas produzidas com resíduos sólidos, a fim de refletir, conforme Ana Mae Barbosa (2003), sobre o que eu estou olhando, para chegar ao grau de ver artisticamente. Também estarão presentes as impressões e inquietudes dos alunos que se envolveram nesse pensar e fazer arte a partir dos poemas.

Com essa ação, foi possível fazer, como descrito por Lucia Pimentel (2013), que o estudante experienciasse arte pelo contextualizar, pensar, relacionar e fruir. De acordo com a autora, essa é uma aplicação recente para o ensino de arte e requer:

[...] que os sujeitos sejam protagonistas de seu conhecimento, de seu processo de criação. Para essa criação, é necessário que sejam acionados os conhecimentos já vivenciados e construídos. A partir das tensões subjetivas e corpóreas, bem como, para realizar e fruir produções artísticas, articular a percepção, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão. (PIMENTEL 2013, p.101)

Nesse processo de criação, cada grupo escolheu um poema da exposição para transformá-lo em uma *assemblage* a partir dos resíduos sólidos trazidos de casa e/ou retirados desse lixão em frente à escola.

Entendo que, segundo Pimentel, o:

[...] pensamento artístico e a construção de conhecimento em Arte estão intrinsecamente imbricados com as formas de como as pessoas se pensam e se conhecem, já que a Arte não está dissociada das intenções pessoais e sociais do sujeito. (PIMENTEL, 2017, p. 310)

Posso dizer que o espaço, até então frio e quieto da biblioteca, onde os livros ficavam estáticos nas prateleiras, virou um laboratório de invenções e apreciação poética.

3.2 Poesia que vira arte, arte que vira poesia

Produção artística: *O Apanhador de desperdícios*:

“Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.” (BARROS, 2006, p.15)

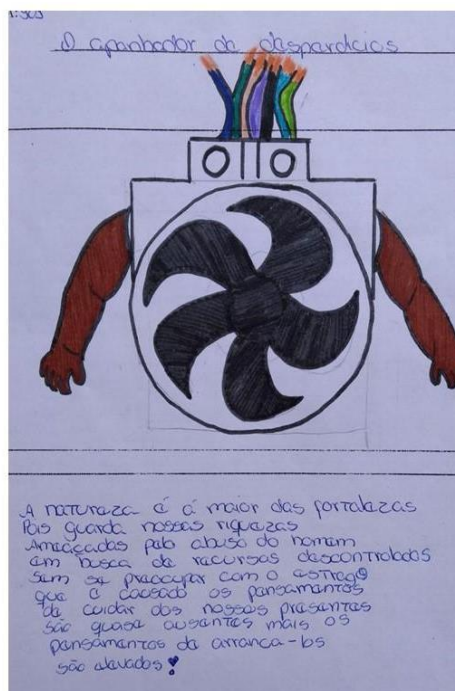
O Apanhador de Desperdícios, feito de restos, tem olhos atentos e braços acolhedores de brinquedo para receber todo o desaproveitamento humano. Sua ventoinha de computador quebrado faz um trabalho ativo nesse processo: dissipa o preconceito, a desigualdade social e a crise ambiental.

Essa máquina/homem une pessoas, liberta o pensamento, desafia o imaginário, respeita as coisas e os seres desimportantes. Ele é despojado, informal, entende até o sotaque das águas.

Ele não tem pés, mas voa com as moscas em busca do inútil; e com os passarinhos à procura da beleza interior.

Embora seja composto por elementos da informática, passa longe dela... Ele gosta mesmo é de inventar e extravasar sua imaginação.

Figura 11: Kátia Archanjo– *O Apanhador de Desperdícios*: objeto/brinquedo com seu projeto, realizado por estudantes do 9º ano– Junho 2019



Fonte: arquivo pessoal

O Apanhador de Desperdícios, com um saco nas costas e uma tomada, recolhe do rebotalho a vida desbaratada, o tempo desperdiçado, os sentimentos desaproveitados, os sonhos abandonados, para transformá-los em poesia à cor dos estudantes.

A seguir, educandos e educandas refletem sobre a natureza e o desperdício por meio da construção de um poema, a partir do objeto/brinquedo:

Desperdiçamentos

A natureza é a maior das fortalezas,
 pois guarda as nossas riquezas.
 Ameaçada pelo abuso do homem,
 que busca recursos descontrolados.
 Com *desperdiçamentos* e sem preocupação
 o estrago é causado.
 Só mesmo com o Apanhador de Desperdícios
 o problema é solucionado.

L.O, 14 anos, integrante do grupo, diz que a experiência no projeto *Invençionática* serviu para que ela fosse capaz de criar seu próprio brinquedo com materiais descartáveis. A estudante explica que, durante todo o processo de criação,

o grupo enfrentou dificuldades para escolher os objetos, montar e criar o brinquedo símbolo do poema.

D.S., 14 anos, afirma que, no começo, achava que o projeto era uma besteira e que não iria gostar; acreditava até que não iria dar certo. O estudante afirma que sua equipe de trabalho o ajudou em todos os sentidos, principalmente a persistir.

M.E., 14 anos, explica que, no começo, tiveram muitas dificuldades para associar poema e criação. Quando escolheram o poema *O apanhador de desperdícios*, resolveram fazer um bonequinho de placa de computador e ventilador estragado. A educanda esclarece que o grupo não fazia ideia de como materializar o que queriam criar, mas, pela força da união, obtiveram um resultado melhor do que o que esperavam.

Produção artística: *Livre para Voar*

Borboletas me convidaram a elas.
O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.
Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens e das coisas.
Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta seria, com certeza,
um mundo livre aos poemas.

Livre para Voar me fez um convite: Vamos olhar diferente para os homens e coisas? Ver diferente foi uma proposta que me atraiu. Não ver só *CDs* velhos, um punhado de tampinhas, restos de plumas, brinquedos estragados nas mãos de jovens inventores.

Livre para Voar, me faz soltar a imaginação para bailar no pensamento, na subjetividade, na percepção, na leveza colorida que a arte presenteia aos que, com a mente aberta, viajam no mundo irreal. Chamou-me a bater asas de borboletas, ver o mundo sob o seu ponto de vista, perceber que estudantes são mais competentes do que grandes homens, que a imaginação é mais aproveitada para arte e que adolescentes sabem mais de poesia do que adultos, conforme poema a seguir:

Livre para voar

Que eu não perca a liberdade de cantar na natureza.
Que eu seja livre para voar, como as borboletas
azuis, brancas, amarelas ou vermelhas,
Vêm de manhã na janela e espantam a tristeza.
As borboletas são um bem da natureza.
Na janela elas me veem dançando como uma bailarina.
Tão brilhantes e de todas as cores,

elegantes, pousaram em uma flor. (poema realizado pelo grupo de alunos: Livre para voar)

Figura 12: Kátia Archanjo– Livre para Voar é objeto realizado por um grupo de alunos do 9º ano, inspirado no poema Borboleta, de Manoel de Barros– junho 2019



Fonte: arquivo pessoal

O poema criado a partir do objeto fez-me refletir sobre um futuro sem a natureza dentro e fora de nós, sem o canto dos pássaros, sem a beleza das flores, sem a liberdade das borboletas coloridas que alegram nossa existência.

Manoel de Barros (2019), explica que os leitores deste fim de século têm nostalgia do simples, do ingênuo, da tolice, do ilogismo. Ele conta que “antigamente nas florestas, era preciso aumentar gente. Só tinha bicho, plantas e passarinhos.” Ele faz um apelo: “temos que ser bichos, temos que ser ventos, temos que ser árvores.” Como também temos que ser borboletas.

Para F.V., 14 anos, integrante do *Livre para voar*, realizar o projeto foi uma experiência incrível porque ela aprendeu que um brinquedo quebrado não precisa ir para o lixo, mas pode ser aproveitado para inventar coisas novas. Ela explica que um dos obstáculos que o grupo encontrou foi o de chegar em um senso comum: “tínhamos opiniões diferentes, mas conseguimos”.

Outro contratempo que F.V. aponta foi para colar as peças: “encontramos dificuldade porque nosso trabalho tinha pecinhas pequenas e a bonequinha acabou descolando.” A estudante explica que achou o projeto interessante porque a fez refletir sobre as crianças que não têm condições de comprar brinquedos, enquanto ela e outras crianças jogam muitos de seus brinquedos fora só porque estão velhos.

J.D., 14 anos, diz que descobriu que os seres humanos devem valorizar as coisas que têm, consumindo e aproveitando o que que já possuem, “porque senão o mundo vai acabar.”

No final, o grupo concluiu que “o projeto *Livre para Voar* ficou muito bom.” Eles afirmam que tiveram muitas dificuldades para colar, arrumar e montar, mas, no fim, tudo deu certo e ficou do jeito que eles queriam. O grupo afirma que, depois desse trabalho, eles passaram a olhar os resíduos sólidos de outra forma, não só como coisas velhas e sem valor.

Produção artística: O menino que ganhou um rio

O menino que ganhou um rio

Minha mãe me deu um rio.
Era dia de meu aniversário e ela não sabia o que me presentear.
Fazia tempo que os mascates não passavam naquele lugar esquecido.
Se o mascate passasse a minha mãe compraria rapadura
Ou bolachinhas para me dar.
Mas como não passara o mascate, minha mãe me deu um rio.
Era o mesmo rio que passava atrás de casa.
Eu estimei o presente mais do que fosse uma rapadura do mascate.
(BARROS, 2018, p. 60)

Figura 13: Kátia Archanjo– Processo de criação do objeto inspirado no poema *O Menino que ganhou um rio*– maio 2019



Fonte: arquivo pessoal

Nesse trabalho poético, disco de vinil, CD, restos de material eletrônico cobertos de azul claro, viraram cenário inventivo para abrigar um menino brinquedo de macacão azul escuro, camisa branca listrada, com um lenço no pescoço. As pedras de verdade, pilhas representando os peixes e um passarinho transparente que passa a sensação de querer voar para longe, chamam-me a atenção.

Penso, que esses protagonistas ganharam um rio de experiências e vivências com esse trabalho; e eu, enquanto arte-educadora, também me inundei de momentos reflexivos sobre minha prática docente.

G.V. relata: “começamos o trabalho recolhendo materiais como discos, brinquedos, baterias e arames; utilizamos todos eles para criar a escultura. A maior dificuldade foi escolher o poema, mas escolhemos *O menino que ganhou um rio*. Para a estudante, o envolvimento da equipe foi muito bom e o resultado foi o esperado. Ela explica que o lixo tem o seu valor e serve para transformar muitas coisas pela imaginação. Basta se permitir.

Os estudantes também fizeram o poema do objeto realizado:

Rio da sabedoria

O menino queria um rio,
e assim foi conquistado.
Utilizando brinquedos quebrados,
o seu mundo foi criado.
Com disco fizemos o rio,
com pilhas fizemos os peixes,
e para finalizar,
demos um pássaro a ele.
o menino queria um rio,
e isso foi dado a ele,
com lixo que não é lixo.

Para o grupo, realizar esse trabalho ajudou-os a ter um olhar diferente para os materiais descartados e o lixo que estava em frente à escola. Concordo com Lucia Pimentel, quando ela diz que:

Arte é um conhecimento sensível, que coordena ações e emoções; é um modo de pensar, chegar a criações inusitadas e estéticas, propor novas formas de ver o mundo e apresentá-lo com registros diferenciados. É uma construção humana que envolve relações com os contextos cultural, socioeconômico, histórico e político. É a experiência dos sujeitos que se faz coletiva. (PIMENTEL, 2013, p. 97)

Nessa troca, os estudantes desenvolveram ações que exercitaram seus pensamentos e, conseqüentemente, construíram conhecimento, porque conhecimento, segundo Pimentel (2013), não se adquire, se constrói.

Paulo Freire (2010, p. 22) também dialoga com esse pensamento ao dizer que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” Como arte-educadora, vejo-me no papel de trabalhar nos educandos, a reflexão, a socialização, a imaginação e a análise crítica

de suas produções artísticas; além de contribuir para que os problemas locais sejam resolvidos, como ter um olhar mais sensível ao ínfimo.

Produção artística: CALYJI

Palavras; resíduos; brinquedos; juntura de ideias e repartição de tarefas. Calijy: junção das iniciais dos nomes das seis meninas, com idade de 13 anos, foi criada de reaproveitamento de materiais, pensada, executada e formada em grupo.

Do trecho, “palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria” (BARROS, 2002, p.68), muitos desafios foram solucionados para materializar um pensamento coletivo, que foi feito com muita seriedade e dedicação.

A cadelinha, feita de CDs, papelão, rolo de papel higiênico, restos de TNT rosa, azul e verde, com orelhas de alça de panela e lacinhos com botões pretos, é o resultado de um olhar apurado para o ínfimo, e algumas das suas partes foram retiradas do lixo em frente à escola. Ela representa a delicadeza e plasticidade de uma peça única, autêntica e especial.

A obra de 45X32cmX16,5cm se forma pela junção de materiais que, embora diferentes, dialogam, transmitindo a harmonia que existe na união das estudantes envolvidas, numa troca de amizade e companheirismo mútuo.

Figura 14: Kátia Archanjo– Produção artística: CALYJI– maio 2019



Fonte: arquivo pessoal

Para o grupo, fazer a Calyji deu trabalho, mas foi gratificante. Elas explicam que esse trabalho as fez ter mais “empatia, união, se colocar no lugar do outro e ter mais amor.”

Percebi que, embora durante o processo as dificuldades surgiam, essas educandas mantiveram-se perseverantes. Senti falta da realização de um poema que expressasse o objeto realizado, mas pela escolha do trecho do que inspirou a criação, notei que as estudantes conseguiram absorver e entender todo o processo de construção.

Durante a construção de CALYJI, uma série de conexões estavam sendo estabelecidas. Essas meninas que são extremamente tímidas e caladas em sala, foram reconhecidas pelos colegas e valorizadas não só pelo resultado da obra, mas pela união e amizade.

Produção artística: Parâmetra

Difícil fotografar o silêncio

...Vi uma lesma pregada na existência mais do que na pedra.
 Fotografei a existência dela.
 Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.
 Fotografei o perdão.
 Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.
 Fotografei o sobre.
 Foi difícil fotografar o sobre.
 Por fim eu enxerguei a nuvem de calça.
 Representou pra mim que ela andava na aldeia de braços com Maiakoviski
 – seu criador.
 Fotografei a nuvem de calça e o poeta. Ninguém outro poeta no mundo faria
 uma roupa
 Mais justa para cobrir sua noiva.
 A foto saiu legal. (BARROS, 2000).

Figura 15: Kátia Archanjo – *Parâmetra*: objeto criado a partir do poema *Difícil fotografar o silêncio*–
 Março 2019



Fonte: arquivo pessoal

Uma caixa preta incomum, com função de tirar fotos de pessoas com imaginação. Seu corpo é uma caixa feita de eletrônicos, seus botões desajustam o real, o visor é de acordo com as lentes imaginativas de quem a vê, o cartão de memória traz boas lembranças da infância onde o brincar era a forma de extravasar a monotonia do dia a dia. O seu obturador não controla o tempo da luz de alegria que invade os corações. Essa máquina de tirar fotos invisíveis revela-se com filme de rolo antigo que precisa de química para se materializar. Manoel de Barros (2019)

diz que, por meio da imaginação, podem-se fazer as imagens mais absurdas; e essa câmera as faz.

O grupo que criou a *Foto Invisível Parâmetra* declarou:

Será que um monte de tralha, sem função pode se tornar algo? Será que pode ter alguma função? Começamos a fazer, mesmo sem acreditar. Tínhamos parte de computador, parafusos, lente, fechadura, limpador de óculos. Juntamos tudo, embora não tenha sido fácil montar. (J.S.; Y.V., B.H., 2019)

A *Parâmetra*, de acordo com o grupo, “não quer tirar foto de pessoas comuns, mas de pessoas com imaginação.” Durante o processo, as estudantes encontraram dificuldades para juntar as peças e finalizar o trabalho; contudo, foram perseverantes. As arte-educandas conseguiram absorver e entender todo o processo de construção em arte e, por meio do poema *Difícil fotografar o silêncio*, agregaram experiências significativas pela imaginação; passaram a enxergar o lixo de outra forma, além de trabalharem a estética e a transformação dos objetos, conforme declararam.

Outra ação importante que contribuiu para que esses sujeitos da aprendizagem em arte tivessem um outro olhar para o ínfimo está relacionada com a construção de um painel feito com a técnica *assemblage*. Nessa atividade, um grupo de estudantes mobilizou várias pessoas da comunidade escolar para a criação de um quadro para a exposição *Arte & Sustentabilidade: uma história de aprendizagem extraordinária*, promovida pela Prefeitura de Belo Horizonte.

No próximo capítulo, descreverei o processo de construção desse trabalho, interligando-o ao projeto que já estávamos desenvolvendo em sala de aula.

4. FILMES QUE VIRAM ARTES VISUAIS; ARTE QUE TRANSFORMA VIDAS

4.1 *Lixo Extraordinário*: do filme à construção de um painel de

No livro *Lixo: a limpeza urbana através dos tempos*, o autor diz que, “mesmo nas mais simples atividades humanas, produzimos lixo. Isto se dá tanto na preparação como ao fim da vida útil daquilo que é processado.” (EIGENHEER, 2009, p.15). Do nascimento à morte, o ser humano produz resíduos e rejeitos, como produtos alimentícios, restos de construção, materiais eletroeletrônicos, dejetos produzidos pelo próprio organismo, entre outros.

Livrar-se do lixo é uma prática comum desde a pré-história, uma vez que os nômades já se sentiam incomodados com o mal cheiro dos restos de suas caças. O problema maior se deu quando humanos se fixaram em aldeias, ‘principalmente em cidades, que começam a ser formadas por volta de 4.000 a.C.” (EIGENHEER, 2009, p.15).

Ao longo da história, o “lixo” tornou-se um grande problema para a humanidade pois, além de não ter locais apropriados para descartá-los, a matéria prima que se transforma em produtos consumíveis ao ser humano foi se esgotando.

A palavra lixo, de acordo com Vizentin e Franco, deriva do latim *lixiu* ou *lixu* e pode ser definida como:

Todo tipo de material desnecessário, não aproveitável ou indesejado, originado no processo de produção e consumo de produtos úteis;
Tudo o que se retira de casa ou qualquer lugar para o tornar limpo;
Sobras;
Detritos;
Cisno;
Sujidade;
Imundície;
Coisas inúteis. (VIZENTIN; FRANCO, 2009, p. 42).

Antigamente, as sobras alimentares e os dejetos eram consideradas lixo. Com o tempo, o “crescimento das cidades, das indústrias, o aumento da população e a crescente de consumo das pessoas, geraram quantidades cada vez maiores de resíduos.” (VIZENTIN; FRANCO, 2009, p. 41). Com o impacto causado na natureza, devido à produção e destinação desordenada de resíduos, a sociedade tem buscado alternativas para minimizar a degradação do meio ambiente.

Como educadora, uma das formas que encontrei para pensarmos sobre o consumismo, a sustentabilidade e a preservação do meio ambiente foi pela sensibilização por meio do filme *Lixo Extraordinário* (2011), porque “pensar, [...], é um ato de sensibilidade, pois se abre à percepção da ambiência em todos os seus níveis.” (PIMENTEL, 2015, p. 98)

O filme, do artista plástico Vik Muniz, retrata histórias de pessoas que sobrevivem da coleta de resíduos sólidos retirados de um aterro sanitário no Rio de Janeiro, e mostra como esse artista paulistano, de classe média baixa, transformou esses resíduos em *assemblage*.

Nesse contexto, a arte na educação ocupou o papel de não só trabalhar a criatividade, mas de realizar leituras e interpretações de mundo, levando o sujeito a se perceber como ser único capaz de se posicionar no meio em que vive.

Uma alternativa que encontrei para que essa percepção se afluísse, foi aproximando-os à realidade em frente à escola; por isso realizei uma aula fora da escola em frente ao lixão, para pensarmos sob o olhar de Vik Muniz e observarmos que, nesse local, havia uma riqueza que estava sendo desperdiçada.

Figura 16: Kátia Archanjo– bota fora de resíduos e rejeitos na porta da escola– fevereiro de 2019



Fonte: arquivo pessoal

Na mesma semana, vi pela internet que a prefeitura de Belo Horizonte, por meio da Secretaria de Educação, havia lançado um projeto que visava provocar uma

reflexão sobre a arte, a cultura e a preservação do meio ambiente a partir do documentário *Lixo Extraordinário*.

Nessa ação, estudantes das escolas públicas municipais realizariam, sob orientação de professores/monitores, uma produção artística com colagem de materiais descartados, para a exposição *Arte & Sustentabilidade: uma história de aprendizagem extraordinária*, no Museu da Imagem e do Som Cine Santa Tereza, conhecido como MIS Cine Santa Tereza.

Cada escola envolvida nesse projeto deveria criar uma obra a partir da *assemblage*, tirar uma foto em alta resolução e imprimir uma tela de até 180X130cm para essa exposição. Como já estava trabalhando com o tema, apresentei a ideia à escola. Os estudantes animados com a proposta, sugeriram que a obra fosse elaborada a partir da imagem de Manoel de Barros.

Por meio de um trabalho colaborativo entre direção, coordenação, professores, escola integrada, bibliotecária, serviços gerais e arte/educandos, o quadro *A poética do lixo*, nasceu.

Um grupo de estudantes do 9º ano, desenhou a caricatura do escritor. Outro grupo, ficou responsável por coletar resíduos e organizar o material para a confecção da obra. A biblioteca foi o espaço para o compartilhamento de ideias, criação e reflexão do que estava sendo elaborado.

Figura 17: Kátia Archanjo– *Caricatura de Manoel de Barros*– maio 2019



Fonte: arquivo pessoal

Fotografei a caricatura que os estudantes escolheram para a confecção do quadro. Salvei-a no *pendrive* para ser ampliada no retroprojetor. Vale ressaltar que uma das caricaturas virou a capa do *Livro sobre nada*, a que fiz referência no capítulo 1.

Pensamos que a melhor maneira para fazer essa *assemblage* seria projetando a imagem em tecido americano cru, para facilitar o seu deslocamento. O início da montagem foi bem complexo porque os arte/educandos encontraram dificuldades para agregar os objetos harmoniosamente. O que haviam conseguido a princípio, eram várias tampinhas de cores variadas, mas que, segundo eles, não estava dando um bom resultado.

Figura 18: Kátia Archanjo– Processo de criação artística do painel da caricatura de Manoel de Barros– maio 2019



Fonte: arquivo pessoal

Persistentes, os estudantes/artistas/investigadores pesquisaram e experimentaram diversos tipos de materiais, como as próprias tampinhas, pedaços de cubo mágico, fios, *CDs*, brinquedos, restos de emborrachados, entre outros.

Paulo Freire diz que “não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.” (FREIRE, 2010, p.15). Pude perceber que

essa curiosidade inquietante, provocada pela tentativa de colocar cada peça no seu devido lugar, ativou nesses sujeitos a percepção de que, segundo Pimentel (2013, p.98), “refere-se a ações de reconstrução e está intimamente ligada à emoção. Também envolve elementos corpóreos e, no caso da Arte, há a articulação desses elementos com pensamentos que possam servir para a criação estética.”

Em alguns momentos, houve atrito entre o grupo pela divergência de opiniões, mas no fim, de acordo com L.S., 15 anos, a obra ficou melhor do que esperavam. Para os estudantes valeu a pena cada tempo empregado nessa criação.

Figura 19: Kátia Archanjo– Finalização da *assemblage* da caricatura do poeta– maio 2019



Fonte: arquivo pessoal

O resultado ficou tão interessante, que juntos pensamos na possibilidade de fazermos um painel da produção original para a apreciação de todos, e, com a ajuda dos funcionários da escola integrada, colamos *A poética do lixo*, em uma placa de madeirite com moldura do mesmo material. A obra original ficou com 1,45m X 1,75m.

O desafio seguinte foi o de fotografar esse painel em alta resolução. Infelizmente uma escola de periferia raramente possui equipamentos adequados, dificultando a realização de algumas atividades. Portanto foi necessário contratar um fotógrafo.

Confesso que foram muitas aprendizagens relacionadas à concretização da imagem em tela, uma vez que a secretaria de educação não impôs muitas regras para a execução do projeto. Com isso, uma série de opções de materiais para imprimir a foto me foi sugerida, como papel fotográfico, lona, tecido... Também pesquisei diversas gráficas para encontrar a que faria o serviço de qualidade e com baixo custo.

No final, tínhamos uma tela 1,30m X 1,80m em tecido cânvas, com moldura preta, feito de ajudas e afetos. O sorriso estampado no rosto do poeta deixa claro seu contentamento por ter sido criado de restos, inutilidades, desobjetos e união.

Figura 20: Kátia Archanjo– Fotografia do painel para a exposição Arte e Sustentabilidade– maio 2019



Fonte: arquivo pessoal

Para a exposição dos quadros no Museu da Imagem e do Som, MIS Cine Santa Tereza, a Secretaria de Educação solicitou que as escolas participantes enviassem por *e-mail* a descrição do trabalho, com fotos e a descrição do processo

de construção da obra. Com os dados coletados, eles criaram um *QR code* de cada projeto para que os visitantes pudessem acessar e entender como cada escola desenvolveu sua criação.

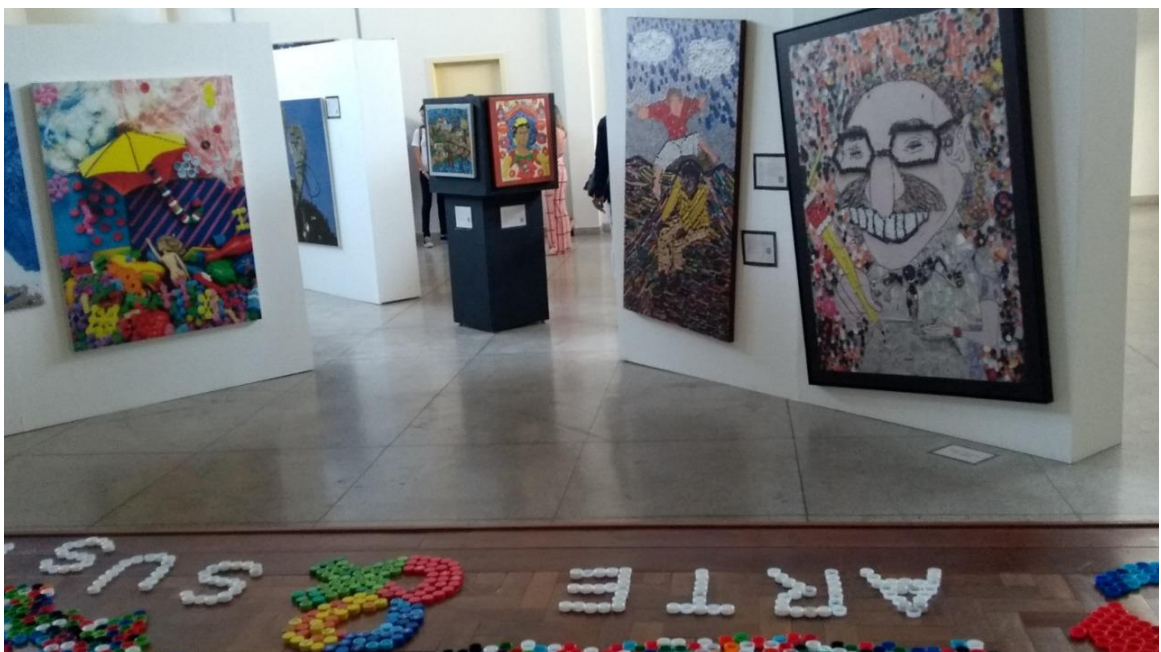
Figura 21: Kátia Archanjo– QR Code da exposição Arte e sustentabilidade – setembro 2019



Fonte: arquivo pessoal

A metamorfose dos resíduos sólidos em obra de arte causou nos estudantes uma série de sentimentos e reflexões críticas relacionadas ao fazer criticamente. O rejeitado transformou-se em uma beleza internamente eternizada. Infelizmente foram poucos os que participaram da exposição no MIS Cine Santa Tereza, por falta de verba para locar ônibus.

Figura 22: Kátia Archanjo– Exposição Arte e Sustentabilidade no MIS Cine Santa Tereza– setembro 2019



Fonte: arquivo pessoal

Outro projeto realizado pela Prefeitura de Belo Horizonte foi o *BH-Educa*. Trata-se de um evento que aconteceu entre os dias 16 a 23 de setembro de 2019, em vários espaços da cidade, com o intuito de dar visibilidades a programas e projetos que acontecem dentro das escolas da rede municipal de ensino.

Atuamos nesse projeto, em um parque público no centro de Belo Horizonte, conhecido como Parque Municipal. Lá participamos de três programações simultâneas: na exposição do projeto *Arte e Sustentabilidade*; na Tenda da Tecnologia e na 3ª MICE (Mostra de Investigação científica Escolar).

Os estudantes que não foram ao MIS Cine Santa Tereza, mas viram a exposição no Parque Municipal, ficaram vislumbrados e chegaram à conclusão de que todos os esforços para a realização do projeto valeram a pena.

Para Lucia Pimentel,

[...] no fruir, pelo envolvimento sensório-cognitivo com a Arte, são ativados movimentos de imaginação e de relações com a memória e com as marcas das vivências artísticas, que promovem a interligação entre o que ocorre no momento da fruição e as informações e os saberes apreendidos anteriormente. (PIMENTEL, 2017, p.311)

Esse momento de fruição foi importante para que os arte/educandos fizessem conexões com o que haviam vivenciado em todo processo, além de verem produções diferentes e semelhantes às suas. Vanderluce Oliveira também diz que:

“a memória-imagem é a lembrança pura que traz à tona da consciência um momento único [...], para evocar o passado em forma de imagem, é necessário abstrair-se da ação presente, é preciso dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Memória é agir e agir, viver.” (OLIVEIRA, 2016, p. 55).

Acredito que essa experiência tenha tido significativa para que eles se percebessem como parte de um projeto maior, cujo objetivo estava além das quatro paredes da escola, mas que foi construído internamente primeiro, com suas emoções e vivências; depois coletivamente; perpassando pelo ambiente escolar em meio à apreciação dos colegas; para chegar ali.

Para mim, enquanto arte-educadora, acompanhar e contribuir com esse processo, foi gratificante e de muito aprendizado; porque acredito na valorização do ser humano e nas possibilidades de aprendizado que a arte oferece. Por isso, providenciar transporte, descarregar os materiais, organizar os estudantes, dentre

outras ações necessárias para que tudo acontecesse, foi aprendizado e crescimento para mim, enquanto ser.

Figura 23: Kátia Archanjo– Exposição de Arte e Sustentabilidade no Parque Municipal de Belo Horizonte– setembro 2019



Fonte: arquivo pessoal

Outro lugar que ocupamos no parque foi a *Tenda da Tecnologia*; espaço dedicado em apresentar objetos que possuíam algum tipo de tecnologia. Nela, um grupo de estudantes explicou o processo de construção dos seus objetos para o público.

Figura 24: Kátia Archanjo– Semana da Educação/ Tenda da Tecnologia– setembro 2019



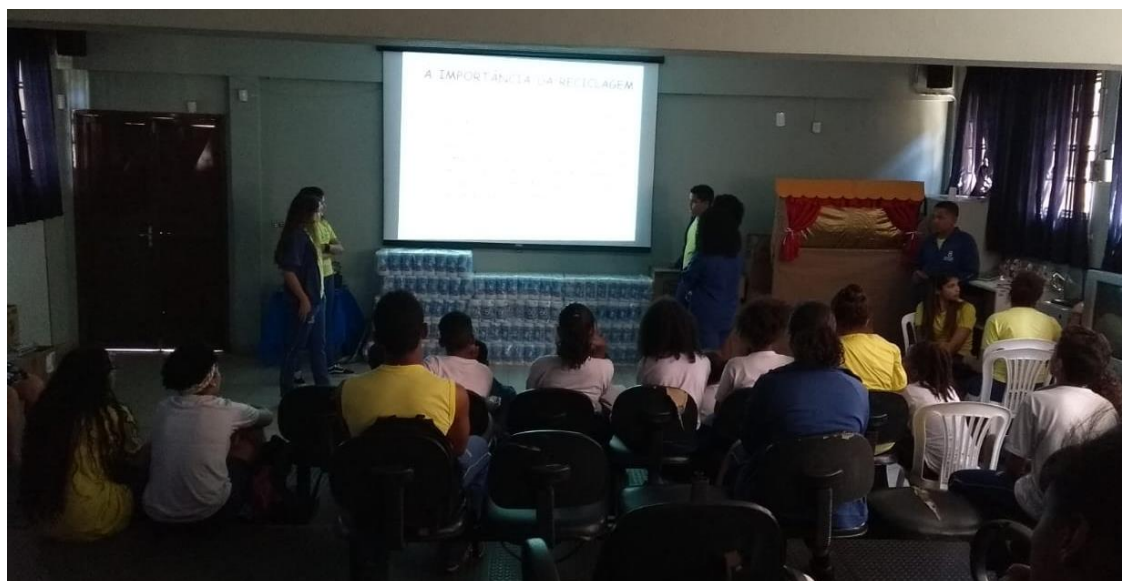
Fonte: arquivo pessoal

Já para a 3ª *Mostra de Investigação Científica Escolar (MICE)*, que também aconteceu no parque, houve toda uma preparação prévia para a apresentação do projeto. A MICE é um evento que exalta ações pedagógicas de investigação e pesquisa e leva os estudantes a se posicionarem como seres atuantes diante de indagações levantadas em grupo. (RONALDO, 2019)

A pesquisa girou em torno da situação relacionada ao descarte irregular dos resíduos e rejeitos e da forma correta de descartá-los. Assim, esses estudantes levantaram ações que poderiam contribuir para a resolução desse problema.

Sugestões como passeata pelo bairro, intervenções em pontos importantes da comunidade e palestras foram propostas. O que conseguimos articular, foi uma palestra com a SLU (Superintendência de Limpeza Urbana), que explicou sobre a destinação correta dos resíduos e a importância de se repensar, reduzir, recusar, reutilizar e reciclar os resíduos sólidos. Dessa palestra, os estudantes sugeriram repassar os conhecimentos adquiridos para os alunos do contraturno e assim mais de dez turmas escutaram sobre a importância para um outro olhar aos resíduos sólidos.

Figura 25: Kátia Archanjo– Palestra ministrada pelos alunos sobre os 5 Rs, para os alunos do ensino fundamental– agosto 2019



Fonte: arquivo pessoal

Dessa aproximação com a SLU por causa da MICE, também surgiu a proposta de as produções artísticas desenvolvidas pelos estudantes irem para os centros culturais de Belo Horizonte, em 2020.

Na MICE, esses protagonistas, falaram de suas vivências com o projeto e a importância de se preservar o meio ambiente. Eles distribuíram versos de Manoel de Barros em folhas de papel reaproveitadas e levaram arte poética para as pessoas que passavam por aquele lugar.

Apesar do cansaço, ainda havia mais uma missão a cumprir: participar da 20ª UFMG Jovem: feira que abarca projetos educacionais de escolas públicas e particulares, do estado de Minas Gerais, para uma troca de aprendizado e reconhecimento dos trabalhos realizados em sala.

Nesse evento, precisei selecionar 4 integrantes para representar os demais colegas; e, nos moldes da MICE, os estudantes apresentaram para o público o projeto *Invencionática*. No final do evento, fomos surpreendidos com o resultado, porque ficamos como destaque da área de Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Linguísticas, Letras e Artes.

Figura 26: Kátia Archanjo– Entrega do destaque na UFMG Jovem– maio 2019



Fonte: arquivo pessoal

Posso dizer que nessa troca de aprendizagens, os estudantes que representaram o projeto, usaram várias formas de se expressarem para um público diversificado, e saíram da UFMG Jovem com outra visão de mundo.

4.2 Só dez por cento é mentira: do filme à produção fotográfica

Outra produção cinematográfica que contribuiu para que os estudantes entrassem no universo imaginativo foi o documentário de Pedro César *Só dez por cento é mentira* (2008). O filme relata a “desbiografia” de Manoel de Barros, poeta mato-grossense nascido na cidade de Corumbá em 1916 e que, aos 13 anos, foi estudar em um internato no Rio de Janeiro. De acordo com o filme, o escritor volta para o Pantanal em 1949, para assumir a fazenda herdada do pai. Após dez anos de trabalho na fazenda, consegue manter-se com a renda da sua propriedade, para ficar à toa, ou seja, por conta da poesia.

O filme mescla entrevistas com o escritor, versos das suas obras e declarações de parentes, amigos e admiradores. Com sensibilidade e beleza, o diretor Pedro César valoriza poeticamente objetos e pessoas comuns e aproxima o poeta próximo do espectador.

Durante uma aula da disciplina *Laboratório de Ensino de Artes Visuais no Brasil*, na Universidade Federal de Minas Gerais, que conheci Manoel de Barros por meio desse filme e, como tarefa, saí a flunar pela universidade com o celular, para registrar poeticamente cenas e objetos que muitas vezes me passavam despercebidos. Esse exercício visual configurou-se em um livro coletivo de imagens coletadas pelos estudantes do curso.

Percebi nessa atividade, a partir de George Lakoff e Mark Johnson (2002), que o que trouxe beleza às minhas fotografias foram a forma que vi meu entorno metaforicamente. Os autores explicam que metáfora é muito mais do que um enfeite linguístico ou uma ferramenta da imaginação poética. Para eles, a metáfora faz parte da vida cotidiana e opera em três estruturas: linguagem, pensamento e ação.

Os estudiosos explicam que ela reflete na forma como pensamos e nas decisões que tomamos. A metáfora para Lakoff e Johnson revela o tipo de pessoa em que fomos nos construindo. Penso que minhas escolhas e gostos refletidos no que registrei pelas lentes do celular partem da minha experiência de vida que foi sendo formada ao longo do tempo.

Lucia Pimentel (2016, p.15) explica que é na “metáfora, na tensão entre imaginação e imagem, que acontece a construção de conhecimento, ou seja, a aprendizagem.” Para a autora,

a metáfora não é um aparato cognitivo, mas é um espaço para o cognitivo. Surge das experiências corporais com o meio em que o sujeito vive. Nesse sentido, a arte deixa de ser a sublime inspiração de poucas eleitas para se tornar a possível realização de novas agenciadoras de subjetividades mais harmônicas em sua processualidade, mais interagentes em suas construções individuais e coletivas, menos disponíveis ao controle ditatorial do sistema identitário rígido. Arte passa a ser vida em cada uma e em todas, respeitando, mas reformulando o patamar historicamente identitário. Arte passa a ser a resposta à interrogação do presente, suas possibilidades e contradições. (PIMENTEL, 2013, p. 101)

Criar imagens à deriva a partir de um olhar atento à subjetividade ampliou minha forma de ver o mundo. De acordo com Lucia Pimentel (2016, p.18) “experiência é a interação do organismo com o ambiente.” Posso dizer que o

Junto com essa experiência, surgiu o desejo de aplicar o que aprendi para investigar até que ponto Manoel de Barros, poderia interferir positivamente na minha prática docente.

Percebo que

[...] quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 2010, p.24)

Portanto, vi em Manoel de Barros a possibilidade de trabalhar a construção do conhecimento em Arte nos estudantes e em mim, através da sua literatura associada ao fazer artístico. Assim, realizamos uma roda de conversa sobre o filme de Pedro César. Busquei criar um ambiente para essa construção do conhecimento, usando vários elementos que o filme me ofereceu.

Levantamos diversas impressões relacionadas com a maneira como o documentário foi feito. Apontamos, na conversa, a beleza fotográfica existente a um olhar atento pelo simples. Muitos gostaram de uma cena, onde paredes velhas, se transformam em imagens a partir de contornos com linhas. Outros gostaram da forma como a imaginação foi trabalhada. Houve outros que gostaram do trecho do filme que apresenta como um consertador de eletrodomésticos transformava os versos de Manoel de Barros em esculturas. Foi inclusive por causa desse trecho, que realizamos as esculturas com resíduos.

Figura 29: Kátia Archanjo – Roda de conversa sobre o filme Só dez por cento mentira– abril 2019



Fonte: arquivo pessoal

A empolgação dos estudantes não poderia ser diferente. Ao assistirem ao filme, os que não tinham celular realizaram a tarefa com os que tinham. Todos pela escola saíram à procura de imagens significativas de acordo com sua forma de ver. Percebi que, embora estivessem fora de sala, mantiveram-se compenetrados durante toda aula.

Em cada espaço da escola havia um olhar atento: na biblioteca, no pátio, na cantina, nos corredores, atrás e na frente da escola, no chão trincado, nos jardins e na caixa d'agua... Nos lugares mais inusitados, havia alguém dando um outro significado aos objetos ou lugares, libertando-os da sua função de origem.

Figura 30: P.H.L., 14 anos – Rachadura – junho 2019



Fonte: arquivo pessoal

Figura 31: M.E.S., 14 anos – Recreio – março 2019



Fonte: arquivo pessoal

5. CONCLUSÃO

Foram muitos os desafios enfrentados para a realização desta investigação, contudo a experiência adquirida ao longo desses quase dois anos, configurou-se em consolidação enquanto arte-educadora.

Percebi nos resultados que a experimentação que envolveu a arte interligada à literatura de Manoel de Barros foi satisfatória nesta comunidade escolar, porque houve mudanças significativas no comportamento de muitos desses alunos, que passaram a ver a arte e o “lixo” com outros olhos.

J.S.L., 15 anos, por exemplo, achou que o projeto foi importante para abrir o universo da sua imaginação. Ela explica que pôde ver a arte de uma forma original, “em que o mundo pode ser pequeno, em que existe o apanhador de desperdícios, em que uma pequena rachadura pode se tornar um turbilhão de coisas.” Essa estudante diz que, após concluírem esse trabalho, passaram a enxergar o mundo de outra forma, porque o que achavam desnecessário tornou-se necessário. J.S.L. conclui que nessa experiência, além de ganharem mais criatividade, ela e os colegas mudaram o pensamento sobre a forma como vivem e as coisas que utilizam.

Já E.A.S, 14 anos, diz que foi importante viver o projeto uma vez que através dele, seus olhos foram abertos para criar coisas com objetos que seriam jogados fora. Ela diz que agora consegue ver a arte com sua imaginação e pensa de um jeito diferente porque não sai mais jogando as coisas fora. Para a estudante a arte a fez viajar em outros mundos.

C.D.S, esclarece que o projeto, “foi um processo de descobrimento, porque nos dias de hoje, em hipótese alguma, se vê facilmente um jovem parar para pensar ou observar no que um lixo pode se transformar.” A estudante confessa que inicialmente não teve interesse algum em recolher um monte de “lixo” para fazer algum brinquedo, máquina ou transformar um poema em algo real, palpável que não fosse só palavras. Ela explica que, ao longo do processo, vendo seus colegas confeccionando suas obras, observou que seria sim interessante poder fabricar algo que viesse da sua imaginação, algo que ela sempre quisesse ter ou quisesse que existisse.

Com essas e tantas outras falas observadas ao longo do projeto, entendo que inserir a literatura de Manoel de Barros no processo de ensino/aprendizagem em artes visuais para extrair a subjetividade inerente ao ser e, com ela, construir o

pensamento artístico, materializando a imaginação para aprimorar a cognição e a conscientização sobre o consumo excessivo de bens, contribuiu para o sucesso desse projeto que extrapolou os muros da escola.

Outra ação que contribuiu para que o projeto tomasse grandes proporções, está relacionada ao vídeo³ produzido para o projeto *Invencionática*, em junho de 2019. Com a visibilidade nas redes sociais através desse vídeo, que viralizou, foi possível divulgar o trabalho até fora do país. Autoridades, melhoraram o entorno da escola asfaltando o restante da rua que era de terra, melhorando a qualidade de vida da comunidade.

Figura 32: Asfaltamento da rua onde fica a escola, antes e depois – setembro 2019



Fonte: arquivo pessoal

Outro ponto importante que vale destacar, foram as experiências e vivências ao longo do projeto como: a participação em programas de TV⁴; o relato de experiência para professores da rede municipal de Belo Horizonte onde pude socializar com mais de 60 educadores minha prática docente; relato de experiência

³ Disponível em : < <https://www.youtube.com/watch?v=z12PEtD1oXc>> Acesso em Set de 2019

⁴ **Programa Onde Mora a Felicidade** exibido em 12/10/2019

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1bCWq2hYIG8>>

Programa O Brasil das Gerais. Exibido em 29/08/2019

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xJjVUckI20I>>

no XXIX Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil, juntamente com o VII Congresso Internacional Dos Arte/Educadores, realizado pela FAEB e pelas Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Universidade do Estado do Amazonas (UEA)⁵; publicação na mídia⁶; exposição em uma escola particular de Belo Horizonte⁷, dentre outras vivências.

Para o ano de 2020, ainda existem sonhos e possibilidades para ampliar o projeto, como: criar jogos dos personagens da *Invencionática* pelos alunos do fundamental 2, para os alunos do fundamental 1; criação de histórias com cunho educativo para conscientizar as pessoas sobre o meio ambiente; plantio de mudas no espaço em frente à escola; mobilização social para a conscientização de atitudes consumistas e a continuidade da pesquisa.

Concordo com Edson Travassos, quando esse diz que:

O papel da escola não se reduz simplesmente a incentivar a coleta seletiva do lixo, em seu território ou em locais públicos, para que seja reciclado posteriormente. Os valores consumistas da população tornam a sociedade uma produtora cada vez maior de lixo. A necessidade que existe é, na verdade, de mudanças de valores. (TRAVASSOS, 2006, p.18)

Assim, o projeto *Invencionática*, segue em 2020, com o desejo de contribuir para que os valores desses estudantes, sejam trabalhados através da arte e da imaginação.

⁵ Disponível em: <http://www.faeb.com.br/site/wp-content/uploads/2019/10/ANAIS_ConFAEB_2019.pdf página 1090>

⁶ Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/pbh-tem-projeto-que-incentiva-alunos-transformarem-objetos-em-obras-de-arte>>

⁷ Disponível em: <https://www.revistaencontro.com.br/canal/encontro-indica/2020/02/colégio-loyola-recebe-a-exposicao-invencionatica.html>

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3ª edição, ARS Poética Editora Ltda, 1994.

ASSEMBLAGE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo325/asmsemblage>>. Acesso em: 03 de jan. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

BARBOSA, Ana Mae (Org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas para criança**. 1ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**: 1ed. Rio de Janeiro: Editora Alfaguara, 2018.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: A Terceira Infância**. 1ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior que o mundo** (Antologia) / Editora Alfaguara, 2015.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DOCUMENTÁRIO LIXO EXTRAORDINÁRIO, (2010). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8>> Acesso em 10 de Abr de 2019.

FRANGE, Lucimar Bello P. In: BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2007, p.47.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GONZAGA, Ana. **Assemblage: a arte de reunir objetos diversos para contar histórias**. Nova Escola, 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1987/asmsemblage-a-arte-de-reunir-objetos-diversos-para-contar-historias?gclid=CjwKCAiA6bvwBRBbEiwAUER6JRbd3CV-dFVmyxfXII68TXRvSnrW0JfcM9LHCJljhdPjcNd4PN1-hoCCyYQAvD_BwE/>. Acesso em: 31 dez. 2019.

IMBROISI, Margaret H. **Assemblage**. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/olho-vivo/atelie/asmsemblage/>> Acesso em 31/12/2019.

LINS, Claudia Maisa Antunes. **A Arte e a Educação**. /Claudia Maisa A. Lins. Juazeiro: Fonte Viva, 2011.

Lopes, A., Santana, I. **Manoel de Barros: das raízes crianceiras às coisas olhadas de azul**. Circuito Cultural Loyola. Belo Horizonte, 2019.

LOYOLA, Geraldo Freire. **PROFESSOR-ARTISTA-PROFESSOR: Materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte/** Geraldo Freire Loyola. 2016

Manoel de Barros. Documentário. **Só dez por cento é mentira**.
<https://www.youtube.com/watch?v=QZLC8wNVtfs> Acesso em 06/01/2020

MARTINS Bosco. **Entrevista com Manoel de Barros: Três momentos com um gênio**. 2014. Publicada na edição 117 da revista Caros Amigos, em 2008. Disponível em:
<https://www.carosamigos.com.br/index.php/grandes-entrevistas/2675-manoel-de-barros>.

MARTINS, Mirian Celeste. **Entrevistas: a inquietude de professores-propositores**. Educação (UFSM), v. 31, n. 2, 2006.

MOREIRA, Marco Aurélio. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.

OCUPAÇÃO, Manoel De Barros. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em:
https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/manoel-de-barros/?utm_source=GoogleSearch&utm_medium=CPC&utm_campaign=ManoelDeBarros&gclid=Cj0KCQjw9tbzBRDVARIsAMBplx-GDCIsDAAdr_Mjy9oLjO1SB3tk3DUUtt0nBVD1M4uKr3dtcwNonvvAaArgyEALw_wcB Acesso em: 03 de jan. 2020.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Abordagem Triangular e as narrativas de si: autobiografia e aprendizagem em Arte**. In: GEARTE, v.4, n.2, 2017. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/gearte/issue/view/3240/showToc> Acesso em: 05//08/2019.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Cognição Imaginativa**. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da UFMG, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 96 – 104, 2013. <<http://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/118>> Acesso em: 06/08/2019

Revista Prosa e Arte. Poema: **Difícil fotografar o silêncio**. Disponível em:
 <<https://www.revistaprosaversoarte.com/difícil-fotografar-o-silencio-manoel-de-barros/>>
 Acesso em: 03 de jan 2020

RONALDO. **3ª Mostra de Investigação Científica Escolar**. Disponível em: <
<https://micepbh.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 de jun 2019.

TRAVASSOS, Edson Gomes. **A prática da educação ambiental nas escolas**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

VALÉRY, Paul. **Lições de Poética**. 1ª ed. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

VIZENTIN, Caroline Rauch. **Meio ambiente: do conhecimento cotidiano ao científico: metodologia, ensino fundamental**, 1º ao 5º ano / Caroline Rauch Vizentin, Rosemary Carla Franco; ilustrações: Silmara Egg. – Curitiba: Base Editorial, 2009.